

BOCAGE

# POESIAS ERÓTICAS

BURLESCAS E SATÍRICAS



POESIAS ERÓTICAS,  
BURLESCAS E SATÍRICAS

BOCAGE

*Capa: Quadro de Fernando dos Santos "Bocage e as Ninfas"*

*Esta obra respeita as regras*

*do Novo Acordo Ortográfico*

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



## BREVE NOTA SOBRE A OBRA

De grande controvérsia, esta antologia de poemas eróticos e satíricos só foi publicada pela primeira cerca de cinquenta anos após o falecimento de Bocage. Corria o ano de 1854 e apareceram na sequência de uma publicação das obras completas, em 6 volumes, do autor. Para evitar os tribunais e a sua apreensão, a obra saiu clandestinamente, sem editor explícito e com um local de edição fictício na capa: Bruxelas. Este facto - de não se referir o editor em obras polémicas - foi prática comum até à implantação da República em 1910.

Tal prática explica-se porque no século XVIII prevalecia um puritanismo limitador. Era difícil uma pessoa assumir-se integralmente, de corpo e alma graças aos tabus sociais, regras estritas, uma educação preconceituosa e sobretudo uma moral católica que olhava para a sexualidade como uma vertente menos nobre do ser humano. A somar a isso havia uma censura férrea que mutilava indelevelmente os textos considerados mais ousados e ainda o fantasma da Inquisição, na altura já extinta mas ainda omnipresente no psíquico social, que imponha o medo e demovia os recalitrantes.

Mas esta conjuntura de repressão ideológica tinha um revés: tornava apelativo a transgressão! Ousar trilhar a senda do proibido, transgredir era, obviamente, um apelo inexorável para os escritores, uma maneira salutar de se afirmarem na sua plenitude e um imperativo categórico.

Em Bocage, a transgressão era-lhe natural: libertino assumido; anti-clerical convicto; irreverente; crítico das elites literárias e institucionais; apologista dos ideais republicanos e agitador de consciências nos cafés e botequins, é pois perfeitamente normal que tenha sido preso, a dada altura, por ser considerado subversivo e perigoso para a sociedade.

É curioso como Bocage, hoje em dia considerado como o maior poeta do arcadismo português (isto é, do neoclassicismo) tenha sido em vida expulso e repudiado por todos os grêmios de poetas graças ao seu comportamento leviano e recusa em cumprir regras, algo que, diga-se de passagem, o próprio Bocage se orgulhava.

A obra "Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas" encontra-se dividida em duas partes: uma primeira com sonetos satíricos curtos, todos com conteúdo obsceno - Bocage escrevia-os quando queria parodiar e criticar alguém ou alguma situação e depois ia lê-los para as praças públicas e distribuía cópia às portas das igrejas, mesmo à saída da missa; e uma segunda parte com odes, cantigas, epístola e elegias - poemas mais longos com narrativas eróticas em já se encontra o estilo neoclássico, típico de Bocage.

Não se pode dizer que as "Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas" sejam um conjunto de poemas que melhor reflitam a poética de Bocage, cujo extenso trabalho poético aborda mais os temas da solidão, do sofrimento, do amor-

ciúme, do belo-horrível ou da morte - temas que ele trata de acordo com o próprio infortúnio da sua vida; que constituem o seu melhor trabalho e que lhe trouxeram reconhecimento e importância. No entanto, dissociar estes seus poemas de deboche e erotismo de outros trabalhos, consideramos mais sérios, é quer separar uma importante parte daquilo que era Bocage.

Durante muito tempo tentou-se fazer isso mesmo. Esta obra, por exemplo, foi proibida em Portugal durante o período do Estado Novo de Salazar, pois era considerada chocante e "perniciosa para a moralidade vigente", e procurou-se durante muito tempo esconder ou ignorar esta vertente nos estudos e análises literárias do autor. O livro, lido "às escondidas" por homens e mulheres de todas as idades, durante a ditadura, só pôde ser livremente lido, sem receio de represálias, depois do 25 de abril.

Hoje em dia, louvada por muitos e desprezada por outros, mais conservadores é, apesar disso, vista como um importante legado de um dos maiores poetas portugueses.

Equipa do Luso Livros

## AUTO-RETRATO

Magro, de olhos azuis, carão moreno,

Bem servido de pés, médio na altura,

Triste de cara, o mesmo de figura,

Nariz alto no meio, e não pequeno.

Incapaz de assistir num só terreno,

Mais propenso ao furor do que à ternura,

Bebendo em níveas mãos por taça escura

De zelos infernais letal veneno.

Devoto incensador de mil deidades,

(Digo de moças mil) num só momento.

Inimigo de hipócritas, e frades.

Eis Bocage, em quem luz algum talento;

Sáíram dele mesmo estas verdades

Num dia, em que se achou cagando ao vento.



I PARTE

SONETOS

## SONETO DO MEMBRO MONSTRUOSO

Esse disforme, e rívido porás (*pénis*)

Do rosto me faz perder a cor;

E assombrado de espanto, e de terror

Dar mais de cinco passos para trás;

A espada do membrudo Ferrabrás

Decerto não metia mais horror;

Esse membro é capaz até de pôr

A amotinada Europa toda em paz.

Creio que nas fodais recreações

Não te hão de a rija máquina sofrer

Os mais corridos, sórdidos cações;

De Vénus não desfrutas o prazer;

Que esse monstro, que alojas nos calções,

É piça de mostrar, não de foder.

## SONETO (DES)PEJADO

Num capote embrulhado, ao pé de Armia,

Que tinha perto a mãe o chá fazendo,

Na linda mão lhe foi (oh céus) metendo

O meu caralho, que de amor fervia;

Entre o susto, entre o pudor, a moça ardia;

E eu solapado os beijos remordendo,

Pela fisga da saia a mão crescendo

A chamada sacana lhe fazia;

Começa a vir-se a menina... Ah! Que vergonha!

"Que tens?" — diz-lhe a mãe sobressaltada;

Não pôde ela encobrir na mão langonha;

Sufocada ficou, a mãe corada;

Finda a partida, e mais do que medonha

A noite começou à bofetada.

## SONETO DE TODAS AS PUTAS

Não lamentes, ó Nize, o teu estado;

Putas tem sido muita gente boa;

Putíssimas fidalgas tem Lisboa,

Milhões de vezes putas têm reinado;

Dido foi puta, e puta de um soldado;

Cleópatra por puta alcançou a coroa;

Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,

O teu cono não passa por honrado: (cona)

Essa da Rússia imperatriz famosa,

Que ainda há pouco morreu (diz a Gazeta)

Entre mil piças expirou vaidosa;

Todas no mundo dão a sua greta;

Não fiques pois, ó Nize, duvidosa

Que isso de virgem e honra é tudo peta.

## SONETO DE TODOS OS CORNOS

Não lamentes, Alcino, o teu estado,

Corno tem sido muita gente boa;

Cornissimos fidalgos tem Lisboa,

Milhões de vezes cornos têm reinado.

Siceu foi corno, e corno de um soldado;

Marco António por corno perdeu coroa;

Anfitrião com toda a sua proa

Na fábula não passa por honrado;

Um rei Fernando foi cabrão famoso

(Segundo a antiga letra da gazeta)

E entre mil cornos expirou vaidoso;

Tudo no mundo está sujeito à greta;



Não fiques mais, Alcino, duvidoso,

Pois isto de ser corno é tudo peta.

## SONETO DA COPULA CANINA

Quando no estado natural vivia

Metida pelo mato a espécie humana,

Ai da gentil menina desumana,

Que à força a greta virginal abria!

Entrou o estado social um dia;

Mandou a lei que o irmão não foda a mana,

É crime até chuchar uma sacana,

E pesa a excomunhão na sodomia;

Quanto, lascivos cães, sois mais ditosos! (felizes)

Se na igreja gostais de uma cachorra,

Lá mesmo, perante o altar, fodeis gostosos;

Enquanto a linda moça, feita zorra, (cadela)

Voltando a custo os olhos voluptuosos,

Põe num altar a vista, a ideia em porra. (*piça; pénis*)

## SONETO DO CARALHO DECADENTE

Com quem magoas o não digo! Eu nem te vejo,

Meu caralho infeliz! Tu, que algum dia

Na gaiteira amorosa filistria

Foste o regalo do meu pátrio Tejo!

Sem te importar o feminino pejo, (pudor)

Atrás da mimosa virgem, que fugia,

Ficando a terna, fadigada Armia,

Lhe pegavas no coninho um beijo.

Hoje, canal de fétida remela,

O misantropo do país das bimbis,

Apenas olha a cândida donzela!

Deitado dos colhões sobre as tarimbas,

Só com a memória em feminil canela

Às vezes pívia casual cachimbas. (\*)

*[(\*) Pívia = punbeta. Por outras palavras: "às vezes ainda dás para bater algumas punbetas." Bocage revela neste poema que está velho e que a sua vitalidade já não é a mesma de antigamente.]*

## SONETO DA DAMA A CAGAR

Cagando estava a dama mais formosa,

E nunca se viu cu de tanta alvura;

Porém ver cagar a formosura

Mete nojo à vontade mais gulosa!

Ela a massa expulsou fedentinoso

Com algum custo, porque estava dura;

Uma carta de amor de limpadura

Serviu àquela parte malcheirosa;

Ora mandem à moça mais bonita

Um escrito de amor que lisonjeiro

Afetos move, corações incita;

Para o ir ver servir de reposteiro

À porta, onde o fedor, e a trampa habita,

Do sombrio palácio do alcatreiro! (rabo)

## SONETO DO VELHO ESCANDALOSO

Tu, ó demente velho descarado,

Escândalo do sexo masculino,

Que por alta justiça do Destino

Tens o impotente membro decepado!

Tu, que, em torpe furor incendiado

Sofres de ímpia paixão ardor maligno,

E a consorte gentil, de que és indigno,

Entregas a infrutífero castrado!

Tu, que tendo bebido o menstuo imundo,

Esse amor indiscreto te não gasta

De ímpia mulher o orgulho furibundo!

Em castigo do vício, que te arrasta,



Saiba a ínclita Lísia, e todo o mundo

Que és vil por génio, que és cabrão, e basta.

## SONETO DA DONZELA ANSIOSA

Deitada donzela em fofo leito,

Deixando erguer a virginal camisa,

Sobre as roliças coxas se divisa (*olha; repara*)

Entre sombras subtis, o pachacho estreito.

De louro pelo um círculo imperfeito

Os papudos beicinhos lhe matiza;

E a branca crica, nacarada e lisa, (*doce*)

Em pingos verte alvo licor desfeito.

A voraz piça as guelras encrespando

Arruma a focinheira, e entre gemidos

A moça treme, os olhos requebrados.

Como é ainda boçal, perde os sentidos. (*inexperiente*)

Porém vai com tal ânsia trabalhando,

Que os homens é que vêm a ser fodidos.

## SONETO DA ESCULTURA ESCANDALOSA

Um esquentado frisão, brutal masmarro (*cavalo da Frísia, holandá*)

Girava em Santarém na pobre feira;

Eis que olha ao longe em Couva Ceira

Os seus bons irmãos seráficos de barro;

O bruto, que atira um boi de carro

Na carranca feroz, parte à carreira,

Os sagrados bonecos escaqueira, (*parte, destrói*)

E arranca de ufania um longo escarro. (*orgulho*)

Na alma o santo furor lhe arqueja, e berra;

Mas vós enchei-vos de íntimo alvoroço,

Povos, que do frio sofreis a guerra;

Que dos bonzos de barro o vil destroço

É presságio talvez de irem por terra

Membrudos fradanhões de carne e osso!

## SONETO DA COPULA ESCULPIDA

Nesta, cuja memória esquece à Fama,

Feira, que de Santarém vem de ano em ano,

Jazia com uma freira um franciscano;

Eram de barro os dois, de barro a cama;

Com a mão, que à virgindade injúrias trama,

Pretendia o cabrão ferrar-lhe o pano;

Eis que um negro barrasco, um tal Frei Tutano (*porco*)

O espetáculo vê, e os rins lhe inflama;

"Irral! Vens-me atiçar, gente danada!

Não basta a felpa dos buréis opacos, (*o tecido das capas*)

Com que a carne rebelde anda ralada?"

"Fora, vis tentações, fora, velhacos!..."

Disse, e ao ríspido som de atroz patada

O escandaloso par converte-se em cacos.

## SONETO DO PRAZER MAIOR

Amar dentro do peito uma donzela;

Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;

Falar-lhe, conseguindo alta ventura,

Depois da meia-noite na janela.

Faze-la vir abaixo, e com cautela

Sentir abrir a porta, que murmura;

Entrar pé ante pé, e com ternura

Aperta-la nos braços casta e bela;

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,

E a boca, com prazer o mais jucundo,

Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos;

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;



Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;

É este o maior gosto que há no mundo.

## SONETO DO PAU DECIFRADO

É pau, e rei dos paus, não marmeleiro,

Mas bem que duas gamboas lhe lobrigo; (*marmelos/ seios lhe vejo*)

Dá leite, sem ser árvore de figo,

Da glande o fruto tem, sem ser sobreiro.

Verga, e não quebra, como um zambujeiro;

Oco, como o sabugueiro tem o umbigo;

Brando às vezes, qual vime, está consigo;

Outras vezes mais riço que um pinheiro.

À roda da raiz produz carqueja.

Todo o resto do tronco é calvo e nu;

Nem cedro, nem pau-santo mais negreja!

Para carvalho ser falta-lhe um U; [carualho]

Adivinhem agora que pau seja,

E quem adivinhar meta-o no cu.

## SONETO DA PUTA NOVATA

Dizendo que a costura não dá nada,

Que não sabe servir quem foi senhora,

A impulsos da paixão fornicadora

Sobe da alcoviteira a moça a escada.

Os seus desejos lhe pinta a malfadada,

E a tabaquanta velha sedutora (*envolta em tabaco*)

Diz-lhe: "Veio menina, em bela hora,

Que essas que tenho, já não ganham nada".

Matricula-se aqui a tal pateta,

Em punhetas e fodas se industria,

Enquanto a mestra lhe não rifa a greta. (*vende*)

Chega, por fim, o fornicário dia;

Dentro em pouco a menina de muleta

Passeia do hospital na enfermaria.

## SONETO DO PREGADOR PECADOR

Bojudo fradalhão de larga venta, (*nariz*)

Abismo imundo de tabaco esturro, (*queimado*)

Doutor na asneira, na ciência burro,

Com barba hirsuta, que no peito assenta.

No púlpito (\*) um domingo se apresenta;

Prega nas grades, espantoso murro;

E acalmado do povo o sussurro

O dique das asneiras arrebenta.

*[(\*) local da igreja onde se lê a bíblia]*

Quatro putas gozavam dos seus brados, (*gritos*)

Não querendo que gritasse contra as modas (\*)

Um pecador dos mais desaforados.

*[(\*) As modas = qualquer acto ou costume social novo ou antigo que fosse condenável pela moral da época, sendo a prostituição uma dessas piores “modas”.]*

"Não - diz uma - tu, padre, não me engodas;

Sempre me há de lembrar pelos meus pecados

A noite, em que me deste nove fodas!"

## SONETO DO PADRE PATIFE

Aquele semiclerigo patife,

Se eu no mundo fizesse ainda apostas,

Apostava contigo que nas costas

Um grande Pico tem Tenerife.

Célebre traste! É justo que se rife; (*vende, leiloe*)

Eu também pronto estou, se disso gostas;

Não haja mais perguntas, nem respostas;

Venha, antes que algum taful o bife. (*janota o apanhe*)

Parece hermafrodita o corcovado;

Pela rachada parte [que apeteço]

Parece que emprenhou, pois anda opado! (*engravidou*)

Mas desta errada opinião me desço;



Pois traz a criança no costado,

Deve ter emprenhado pelo rabo.

## SONETO DO CARALHO POTENTE

Porripotente herói, que uma cadeira

Susténs na ponta do caralho teso,

Pondo-lhe em cima mais por contrapeso

A capa de baetão da alcoviteira. (*tecido grosso*)

O teu caso é como o ramo da palmeira,

Que mais se eleva, quando tem mais peso;

Se o não conservas açaimado e preso,

É capaz de foder Lisboa inteira!

Que forças tens no hórrido marsapo, (*caralho*)

Que assentando a disforme cachamorra

Deixa conas e cus feitos num trapo!

Quem ao ver-te o tesão há não discorra

Que tu não podes ser senão Priapo, (*Deus grego da fertilidade*)

Ou tens um guindaste em vez de porra? (*piça; pénis*)

## SONETO DO EPITÁFIO

Quando em mim perder a humanidade

Mais um daqueles, que não fazem falta,

Verbi-gratia — o teólogo, o peralta,

Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade.

Não quero funeral comunidade,

Que engrole "sub-venites" em voz alta;

Pingados gatarrões, gente de malta, (*juvenis nobres*)

Eu também vos dispenso a caridade.

Mas quando a ferrugenta enxada idosa

Sepulcro me cavar num ermo outeiro, (*isolado*)

Que me lavre este epitáfio mão piedosa;

"Aqui dorme Bocage, o putanheiro;

Passou vida folgada, e milagrosa;

Comeu, bebeu e fodeu sem ter dinheiro".

SONETO AO ÁRCADE FRANÇA (1\*)

No canto de um venal salão de dança,

Ao som de uma rabeca desgrudada, (*instrumento musical*)

Olhos em alvo, a piça arrebitada,

Bocage, o folgazão, rostia o França. (2\*)

Este, com mogigangas de criança, (*expressões faciais*)

Com a mão pelos ovos encrespada,

Brandia sobre a roxa fronte alçada (*cara; testa*)

Do assanhado porás, que quer lambança. (*pénis*)

Veterana se faz a mão bisonha;

Tanto a tempo meneia, e a sua o bicho,

Que em Bocage o tesão vence a vergonha.

Quis vir-me por lúxuria, ou por capricho;

Mas em vez de acudir-lhe alva langonha (*esperma*)

Rebenta-lhe do cu merdoso esguicho.

*[(\*) 1- Sob o título do poema há que sublinhar primeiro que o termo "Arcáde" vem de Arcádias, que eram associações literárias às quais os poetas da época se se agrupavam. Um poeta reconhecido por uma Arcádia era conhecido por um "Arcáde", e passava a ser respeitado como poeta de renome. Bocage, dono de um temperamento irrequieto, polémico e insatisfeito, nunca se conseguiu submeter às normas dessas instituições, renegou-as chegou a fazer-lhes guerra aberta, injuriando-as e aos seus poetas e dizendo que não precisava delas para ser reconhecido como poeta. A história daria-lhe razão, embora muitos dos seus sonetos românticos e melancólicos, pelos quais lhe foi dada importância, se viessem depois a classificar como fazendo parte do arcadismo, um estilo literário típico do século XVIII. França era o apelido de um poeta Arcáde, da época.]*

*2 - "Rostir" é verbo neutro, que em sentido figurado significa entre outras coisas "mastigar, roçar, esfregar-se ou mesmo foder. Há claramente neste poema a alusão de um acto sexual através do qual Bocage injuria um homem. Os críticos literários no passado eram muito relutantes em admitir qualquer conotação homossexual na poesia de Bocage, ainda que o poeta não escondesse em muitos poemas e textos que deixou que um rabo masculino também lhe era apetecível. Neste caso, o sentido de "rostir", pode muito bem aludir ao sexo oral ou anal, com o objetivo de expor o satirizado ao ridículo e desonra-lo moralmente.]*

## SONETO DO PRAZER EFÊMERO

Dizem que o rei cruel do Averno imundo

Tem entre as pernas caralhás lanceta,

Para meter do cu na aberta greta

A quem não foder bem cá neste mundo;

Tremei, humanos, deste mal profundo,

Deixai essas lições, sabida peta,

Foda-se a salvo, coma-se a punheta;

Este prazer da vida mais jucundo.

Se pois guardar devemos castidade,

Para que nos deu Deus piças leiteiras,

Senão para foder com liberdade?

Fodam-se, pois, casadas e solteiras,



E seja isto já; que é curta a idade,

E as horas do prazer voam ligeiras!

## SONETO DA PORCARIA

Que fio de ouro, que cabelo ondado,

Piolhos não criou e lêndeas não teve?

Que raio de olhos, blasonar se atreve, (*vangloriar*)

Que não foi de remelas mal tratado?

Que boca se acha ou que nariz prezado

Aonde monco ou escarro nunca esteve?

E de que tal cristal ou branca neve

Não se viu o seu bisbilho visitado? (*buraco*)

Que papo da mais bela galhardia

Que um dedo está do cu só dividido,

Não mija e regra todos os meses? (*a menstruação*)

Se amor é tudo merda e porcaria,

E por este monturo andais perdido, (*monte de lixo*)

Cago no amor e em vós trezentas vezes.

## SONETO AO ÁRCADE LERENO

Nojenta prole da rainha Ginga,

Sabujo ladrador, cara de nico,

Loquaz saguim, burlesco teodorico, (*um tipo de macaco*)

Osga torrada, estúpido rezinga;

E não te acuso de poeta pinga;

Tens lido o mestre Ignacio, e o bom Supico;

De ocas ideias tens o casco rico,

Mas os teus versos tresandam a catanga.

Se a tua musa nos outeiros campá,

Se ao Miranda fizeste ode demente,

E o mais, que ao mundo estólido se encampa; (*absurdo*)

É porque sendo, ó Caldas, tão somente

Um cafre, um gozo, um nésco, um parvo, um trampa, (*estúpido*)

Queres meter nariz em cu de gente.

## SONETO AO VIL INSETO

Enquanto a rude plebe alvoroçada

Do rouco vate, escuta a voz de mouro, (*adivinho, profeta*)

Que do peito inflamado sai deste ouro

Por estreito bocal desentoada;

Não cessa a cantilena acigarrada

Do vil inseto, do mordaz besouro;

Que à larga se criou por entre o louro

De que a sabia Minerva está coroada;

Enquanto o cego ateu, calvo da tinha,

Com parolas confunde alguns basbaques,

Palmeando a amatória ladainha;

Eu não me posso ter; cheio de achaques,

Cansado de lhe ouvir — "Bravo! Esta é minha!"

Cago sem me sentir, desando em traques.

## OUTRO SONETO AO VIL INSETO

Há junto do Parnaso um turvo lago,

Aonde em rãs existem transformados

Os trovistas de cascos esquentados, (*trovadores, poetas*)

Cérebro frouxo, ou de miolo vago;

Por mais infâmia sua, e mais estrago

Doou-lhe Febo os ânimos danados, (*deus romano das artes*)

Para que exprimam em versos desasados

Os seus destinos vis, nos quais eu cago;

Aqui Bocage, vive, e daqui ralha,

E com a tartárea língua pontiaguda

Bons e maus, maus e bons, tudo atassalha.

É vil inseto, e o génio atroz não muda,



Bem como a escura cor não muda a gralha,

E o hediondo fedor não perde a arruda.

## SONETO AO PECADOR MORTO

Morreu Bocage, sepultou-se em Goa!

Chorai, moças venais, chorai, pedantes,

O insulso estragador das consoantes,

Que tantos tempos aturdiu Lisboa!

Por aventuras mil obteve a coroa

Que a cara cinge dos heróis andantes;

Inda veio de climas tão distantes

À toa vegetar, versar à toa;

Este que vês, com olhos macerados,

Não é Bocage, não, rei dos brejeiros,

São apenas os seus olhos descarnados;

Fugiu do cemitério aos companheiros;

Anda agora purgando os seus pecados

Glosando aos cagaçais pelos outeiros.

## SONETO DO RETRATO MAL FALADO

Esqueleto animal, cara de fome,

De timão, e chapéu à holandesa, (*bastão, bengala*)

Olhos espantadiços, boca acesa,

De onde o fumo, que sai, a todos some;

Milagre do Parnaso em fama e nome,

Em corpo galicado, alma francesa,

Com voz medonha, língua portuguesa,

Que aos bocados a honra e o brío come;

Toda a moça, que dele se confia,

É virgem no serralho do seu peito;

Janela, que se fecha, putaria!

Neste esboço o retrato tenho feito;

Eis o grande e fatal Manoel Maria,

Que até pintado perde o bom conceito.

## SONETO MAÇÓNICO (1\*)

Turba (2\*) esfaimada, multidão canina,

Corja, que tem por deus ou Momo, ou Baco,(3\*)

Reina, e decreta nos covis de Caco (4\*)

Ignorância daqui, dali rapina;

Colhe de alto sistema e lei divina

Imaginário jus, com que encha o saco; (*direitos*)

Textos gagueja em vão o Doutor macaco

Por ouro, que promete alma sovina;

Círculo umbroso de venais pedantes,

Com torpe astúcia de maligna zorra (*cadela*)

Usurpa nome excelso, e graus flamantes;

Ora mijei na súcia, ainda que eu morra (*grupo, bando*)

Corno, arrocho, bambu nos elefantes,

Cujo vulto é de anões, a tromba é porra! (*piça; pénis*)

*[(\*) 1 - A respeito da origem deste soneto, contou-se-nos que tendo Bocage sido iniciado numa das lojas maçónicas, que naquela época existiam em Lisboa, frequentara durante alguns meses aquela associação, assistindo às suas reuniões, até que desavindo-se um dia com os Irmãos por qualquer motivo que fosse, num acesso de cólera rompeu extemporaneamente neste soneto, que rasgou depois de escrito; mas alguém já o tinha copiado, aliás suceder-lhe-ia o mesmo que a tantas outras produções do autor, irremediavelmente perdidas. 2- Turba: Multidão desordenada, geralmente com a intenção de fazer justiça com as próprias mãos. 3 - Momo, deus grego do sarcasmo, da ironia, dos escritores e dos poetas; Baco, deus grego do vinho, das orgias e da alegria. 4 - Caco, filho do deus Vulcano, era um gigante medonho que morava numa gruta.]*

SONETO NAPOLEÔNICO (\*)

Tendo o terrível Bonaparte à vista,

Novo Aníbal, que esfalfa a voz da fama,

"Ó capados heróis!" (aos seus exclama

Purpúreo fanfarrão, papal sacrista);

"O progresso estorvai da atroz conquista

Que da filosofia o mal derrama?..."

Disse, e em fervido tom saúda, e chama,

Santos surdos, varões por sacra lista;

Deles em vão rogando um pio arrojo,

Convulso o corpo, as faces amarelas,

Cede triste vitória, que faz nojo!

O rápido francês vai-lhe às canelas;



Dá, fere, mata: ficam-lhe em despojo

Relíquias, bulas, merdas, bagatelas.

*[(\*) Este soneto foi escrito na ocasião em que o exercito francês comandado por Bonaparte invadira os estados eclesiásticos (1797), chegando quase às portas de Roma, e ameaçando o solo pontifício. O verso nono: "Delas em vão rogando um pio arrojo," envolve uma espécie de equivoco, ou como hoje se diria um calemburgo [ou trocadilho]; porque Pio VI era o papa, que então presidia na "universal igreja de Deus". O penúltimo verso lê-se em algumas copias do modo seguinte: "Zumba, catumba; ficam-lhe em despojo".]*

## SONETO DRAMÁTICO

Na cena em quadra trágico-invernosa

A Zaida se impingiu fradesco drama!

Apareceu depois, com sede à fama,

Tragédia mais igual, mais lastimosa;

O autor pranteia em frase aparatosa

Esfaqueado arrais, pimpão de Alfama;

Corno o protagonista, e puta a dama,

O machão é Simeão, e a mula é Rosa;

Espicha o rabo [eu tremo ao proferi-lo]

Espicha o rabo ali o herói na rua,

Qual Muratão nos areais do Nilo!

Elmiro na tarefa contínua,

Já todos pela escolha, e pelo estilo

Rosnam que a nova peça é obra sua.

## SONETO ARCÁDICO

Não tendo que fazer Apolo um dia

Às Musas disse: "Irmãs, é benefício

Vadios empregar, demos ofício

Aos sócios vãos da magra Academia!"

"O Caldas satisfaça à padaria;

O França de enjoar tenha exercício,

E o autor do entremez do Rei Egípcio

Que o Pégaso veloz conduza à pia!"

"Vão na Ulisseia tasquinhar o ex-frade;

Da sala o Quintanilha acenda as velas,

Em se juntando alguma sociedade!"

"Bernardo nébias façam, e caguem nelas;

E Belmiro, por ter habilidade,

Como dantes que trabalhe em bagatelas!"

## OUTRO SONETO AO FRANÇA

Rapada, amarelenta, cabeleira,

Vesgos olhos, que o chá, e o doce engoda,

Boca, que à parte esquerda se acomoda,

[Uns afirmam que fede, outros que cheira];

Japona, que da ladra andou na feira;

Ferrugento faim, que já foi moda (*espadachim*)

No tempo em que Albuquerque fez a poda

Ao soberbo Hidalção com mão guerreira;

Ruço calção, que esporra no joelho

Meia e sapato, com que ao lodo avança,

Vindo a encontrar-se com esbugalhado artelho; (*membro*)

Jarra, com apetites de criança; (*come, abocanha, chupa*)

Cara com semelhança de bisbilho;

Eis o bedel do Pindo, o doutor França. (*escolástico, sábio*)

## SONETO AO LEITÃO

Pilha aqui, pilha ali, vozeia autores, (*rouba*)

Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e vários;

Propõe sistemas, tira corolários,

E usurpa o tom de enfáticos doutores;

Ciência de livreiros e impressores

Tem da vasta memória nos armários;

E tratando os cristãos por visionários,

Só rende culto a Vénus, e aos Amores;

A mulher, que a barriga lhe tem forra

Do jugo da vital necessidade,

Deixa em casa gemer como em masmorra;

Este biltre, labéu da humanidade,



É um tal bacharel Leitão de borra,

Lascivo como um burro, ou como um frade.

## SONETO DO DIÁLOGO CONJUGAL

Não chores, cara esposa, que o Destino

Manda que parta, à guerra me convida;

A honra prezo mais que a própria vida,

E se assim não fizera, era indigno.

"Eu te acho, meu Conde, tão menino

Que receio..."

— Ah! Não temas, não, querida;

A francesa nação será batida,

Este peito, que vês, é diamantino.

"Como é crível que sejas tão valente?..."

Eu herdei o valor de avós, e pais,

Que essa virtude tem a ilustre gente.

"Porem se as forças forem desiguais...?"

Irra, Condessa! És muito impertinente!

Tornarei a fugir, que queres mais?

## SONETO ANTICLERICAL

Se quereis, bom Monarca, ter soldados

Para compor lustrosos regimentos,

Mandai desentulhar esses conventos

Em favor da preguiça edificados;

Nos Bernardos lambões, e asselvajados

Achareis mil guerreiros corpulentos;

Nos Vicentes, nos Neris, e nos Bentos

Outros tantos, não menos esforçados;

Tudo extingui, senhor: fiquem somente

Os Franciscanos, Loios, e Torneiros,

Do Centímano aspérrima semente;

Existam estes lobos carniceiros,

Para não arruinar inteiramente

Putas, pívias, cações, e alcoviteiros.

## SONETO DOS DONATIVOS

Cristo morreu há mil e tantos anos;

Foi descido da cruz, depois enterrado;

E ainda assim, a pedir não tem cessado

Para o sepulcro dele os franciscanos!

Tornou a ressurgir dentre os humanos;

Subiu da terra ao céu, lá está sentado;

E à saúde dele sepultado

Comem à nossa custa estes maganos;

Pensam os que lhes dão a sua esmola

Que ela se gasta na função mais pia...

Quanto vos enganais, oh gente tola!

O altar mor com dois cotos(\*) se alumia; (*ilumina*)

E o fradinho com a puta, que o consola,

Gasta de noite o que lhe dais de dia.

*[(\*) coto - qualquer coisa insignificante, neste caso podendo significar duas velas raquíticas.]*

## SONETO DA ESMOLA DESVIRTUADA

Padre Frei Cosme, vossa reverência

Se engana, ou enganar-nos talvez tenta;

Quem as riquezas dá, quem nos sustenta,

Não é de Deus a suma providencia? (*suprema*)

Pois logo com que cara ou consciência

Esmola pede, e arrepanhar tenta

Para o Senhor da Paz, ou da Tormenta?

Tem Deus do homem acaso dependência?

Tire a máscara pois, largue a sacola,

E deixe o povo, a quem impunemente

Em nome do Senhor escorcha, e esfolá; (*explora*)

À viúva deixe a esmola, e ao indigente; (*mendigo*)



E não queira, hipócrita farsola

Foder à custa da devota gente.

## SONETO DO MONGE CALUNIADO

Língua mordaz, infame e maldizente,

Não ouses murmurar do bom prelado;

Ainda que o vejas com Alcipe(\*) ao lado.

Amigo não será, será parente;

Geral da Ordem, pregador potente,

No jogo padre-mestre jubilado,

E também caloteiro descarado

Pode ser que o repute alguma gente;

E que te importa que forniqe a moça?

Que pregue o evangelho por dinheiro?

Que em vez de andar a pé ande em carroça?

Talvez que disso seja um verdadeiro

Dos monges exemplar, da Serra de Ossa,

Pois que dos monges é hoje o primeiro.

*[(\*) Pseudónimo da Marquesa de Alorna, uma nobre e jovem poetisa que assinava os seus poemas com esse nome. Era muito respeitada nos círculos literários da época e convivia com muitos poetas e escritores da época. Bocage tinha por ela admiração, chegando a dedicar-lhe Sonetos e a aclamá-la em Odes. A "Alcipe" também o tinha em boa consideração chegando a elogiar a "lírica bocagiana" em cartas para amigos e conhecidos, embora nunca lhe tenha dedicado nenhum poema seu. Neste poema satirizador, como se pode ver, a crítica não recai sobre ela, mas sobre o "monge" que porventura teria alguma relação familiar ou de amizade com a jovem marquesa. Bocage escreve movido tanto pelo seu ódio aos membros da igreja, como pelo ciúme das atenções que a jovem poetisa dava a outros.]*

## SONETO DO MOURO DESMORALIZADO

Veio Mulei -- Achmet marroquino

Com duros trigos entulhar Lisboa; (*provar*)

Pagava bem, não houve moça boa

Que não provasse o casco adamantino;

Passou por um seminário feminino,

Dos que mais bem providos se apregoa,

Onde um frade com bem fornida ilhoa

Dava de esmola cada dia um pino;

Tinha o mouro fodido largamente,

E já bazofiando com desdouro (*gozando*)

Tratando a nação lusa por impotente;

Entra o frade, e ao ouvi-lo, como um touro

Passou tudo a caralho novamente,

E o triunfo acabou no cu do mouro.

## SONETO DO CORNO INTERESSEIRO

Uma noite o Copezzi muito contente

(Depois de borrifar a sacra espada

Que traz com rubra fita pendurada

Com cuspo, e vinho, que vomita quente);

Conversava com a esposa em voz tremente

Sobre a grande ventura inesperada (*sorte*)

De ser plácida adorada

De um Marquês tão rico, e tão potente;

A mulher lhe replica: Isso é verdade;

Enquanto moça for, nunca o dinheiro

Faltará nesta casa em quantidade.

"Mas tu sempre és o tafulão primeiro; (*conquistador*)

Pois tendo cabrão sido noutra idade,

És agora o maior alcoviteiro!" (*proxeneta*)

## OUTRO SONETO DO PRAZER EFÊMERO

Quando ao grã Martinho deu fatal marca (*grande; morte*)

E o fim fez soar no seu chocalho,

Levou três dias a passar caralho

Ao medonho Caronte(1\*) da negra barca;

Eis no terceiro dia, o padre embarca,

E o velho, que a ninguém dá agasalho,

Em prêmio quis só ter pelo seu trabalho

O gáudio de ver piça em tal marca; (*felicidade*)

Pegou-se ao cão trifauce(2\*), a voz na goela

Ao ver tal membro nas dianteiras,

E Plutão(3\*) a mulher pôs de cautela;

Porem Dido gritou às companheiras;



"Agora temos piça; a ela, a ela,

Que as horas de prazer voam ligeiras!" (*rapidamente*)

*[(\*) 1- Personagem das mitologias Grega e Romana. Caronte era o barqueiro que atravessava as almas no seu barco, através do rio em direção ao Tártaro, a terra dos mortos. 2 - Referência a Céfalo, o cão gigante de três cabeça que guardava a entrada do Tártaro. 3 - Era o Deus Romano do mundo subterrâneo e Rei da terra dos mortos, tinha como trabalho castigar ou premiar as almas no seu descanso final, de acordo com o que tinham feito em vida.]*

## SONETO ASQUEROSO

Piolhos cria o cabelo mais dourado;

Branca remela o olho mais vistoso;

Pelo nariz do rosto mais formoso

O monco se divisa pendurado.

Pela boca do rosto mais corado

Hálito sai, às vezes bem asqueroso;

A mais nevada mão sempre é forçoso

Que da sua dona o cu tenha tocado.

Ao pé dele a melhor natura mora,

Que deitando no mês podre gordura,

Fétido mijo lança a qualquer hora.

O cu mais alvo caga merda pura;

Pois se é isto o que tanto se namora,

Em ti mijo, em ti cago, ó formosura!

## SONETO DO CORNO CHOROSO

Se o grã Serralho do Sofi potente,

Ou do Sultão feroz, que rege a Trácia,

Mil Vénus de Geórgia, oh! da Circássia

Nuas prestasse ao meu desejo ardente!

Se negros brutos, que parecem gente,

Ministros fossem de lasciva audácia,

Ainda assim do ciúme a pertinácia

No peito me nutria ardor pungente!

Erraste em produzir-me, ó Natureza,

Num país onde todos fodem tudo,

Onde leis não conhece a piça tesa!

Cioso afeto, afeto carrancudo!

Zelar moças na Europa é árdua empresa,

Entre nós ser amante é ser cornudo.

## SONETO DA BEATA EXPERTA (\*)

Não te crimino a ti, plebe insensata,

A vã superstição não te crimino;

Foi natural, que o frade era ladino,

É experta em macaquices a beata;

Só crimino esse herói de bola chata,

Que na escola de Marte ainda é menino, (*Deus Romano da Guerra*)

E ao falso pastor, pastor sem tino,

Que tão mal das ovelhas cura, e trata;

Item, crimino o respeitável Cunha,

Que a frias petas crédito não dera,

A ser filósofo, como supunha;

Coitado! Protestou com voz sincera

Fazer geral, contrita caramunha,

Porem ficou pior que dantes era!

*[(\*) A sátira deste soneto parece impenetrável a quem não conheça o caso aludido: o caso da beata de Évora, cuja morte milagrosa foi produto de uma farsa preparada pelo clero local, que acabou depois desmascarada. Este soneto satira o facto, tal como os outros dois seguintes.]*

## SONETO DO FALSO MILAGRE

De coroa virginal a cara ornada,

Em lúgubres mortalhas envolvida

A beata fatal jaz estendida,

De assistentes contritos rodeada;

Um se tem por já salvo em ter chegada

Ao lindo pé a boca comovida

Outro protesta reformar a vida;

Porem ela respira, e está corada!

Que é santa, e que morreu, com juramentos

Afirma audaz o façanhudo frade

E que prodígios são os seus movimentos

O devoto auditório se persuade;



Renovam-se os protestos e os lamentos;

Triste religião! Pobre cidade!

## SONETO DA SUPOSTA SANTA

Acredite, sentado aos quentes lares

Nas noites invernosas de janeiro,

Relendo em Carlos Magno o sapateiro

As proezas cruéis dos doze Pares;

Creiam que veem as bruxas pelos ares

A chupar as crianças no traseiro;

Comam quanto lhes diz o gazeteiro,

De casos, de sucessos singulares;

Porém, que uma beata amortalhada,

Com a cara vermelha e corpo mole,

E santa por um frade apregoada;

Que respire, que os braços desenrole,

E seja por defunta acreditada,

Isto somente em Évora se engole!

## SONETO DA AMADA GABADA

Se tu visses, Josino, a minha amada

Havias de louvar o meu bom gosto;

Pois o seu nevado, rubicundo rosto

Às mais formosas não inveja nada;

Na sua boca Vénus faz morada;

Nos olhos tem Cupido as setas posto;

Nas mamas faz Lascívia o seu encosto,

Nela, enfim, tudo encanta, tudo agrada;

Se a Ásia visse coisa tão bonita

Talvez lhe levantasse algum pagode

À gente, que na foda se exercita!

Beleza mais completa haver não pode;

Pois mesmo o cono seu, quando palpita,

Parece estar dizendo: "Fode, fode!"

## SONETO DAS GLÓRIAS CARNAIS (\*)

Cante a guerra quem for arrenegado,

Que eu nem palavra gastarei com ela;

A minha Musa será sem par canela

Com um felpudo coninho abraçado;

Aqui descreverei como excitado

Num mar de bimbis navegando à vela,

Ceguei, propício o vento, à doce, àquela

Enxada de amor, rei coroado;

Direi também os beijos sussurrantes,

Os intrincados nós das línguas ternas,

E o aturado fungar de dois amantes;

Estas glórias serão na fama eternas

Às minhas cinzas me farão descantes

Fêmeos vindouros, alargando as pernas.

*[(\*) Este e seguinte sonetos foram transcritos de um caderno onde estavam misturados aos de Pedro José Constâncio, um poeta amigo de Boacage que morreu louco, vítima da vida desregrada e dos males venéreos, cujo estilo e cuja temática, bem semelhantes aos bocagianos, geraram confusões entre alguns estudiosos, que não conseguiram distinguir uns dos outros.]*

## SONETO DO NINHO

Para iludir o suspirado encanto,

Por quem debalde há longo tempo ardia,

"Um ninho achei, ó Lésbia [eu lhe dizia]

Como é dos pais delicioso o canto!"

Assim doloso me expressava, em quanto

Um alegre alvoroço em Lésbia eu via;

"Ah! Onde o deparaste?" [ela inquiria]

"Vem (lhe respondo) comigo ao pé do acanto";

Por um bosque me fui com os meus amores,

Pergunta aos ramos pelo implume achado,

E respondendo só vão os meus furores.

Conhece... quer fugir ao laço armado,



Na encosta a vergo, que afofavam flores,

Beijo-lhe as iras... fique o mais calado.

## SONETO DO CARALHO APATETADO

Fiado no fervor da mocidade,  
Que me acenava com tesões chibantes,  
Consumia da vida os meus instantes  
Fodendo como um bode, ou como um frade.

Quantas pediram, mas em vão, piedade  
Encavadas por mim balbuciantes!  
Ficando a gordos cus alvejantes  
Que hemorroides não fiz nesta cidade!

À força de brigar fiquei mamado;  
Vista ao meu caralho, que de gaiteiro  
Está sobre os colhões apatetado;

Oh Númen tutelar do mijadeiro!

Levar-te-ei, se tornar ao teso estado,

Por oferenda espetado um paramério.

## SONETO DO JURAMENTO

Eu foder putas?... Nunca mais, caralho!

Hás de jurar-mo aqui, sobre estas Horas;

E vamos, vamos já!... Porem tu choras?

"Não senhor (me diz ele) eu não, não ralho";

Batendo sobre as Horas como um malho,

"Juro (diz ele) só foder senhoras,

Das que abrem por amor as tentadoras

Pernas àquilo, que arde mais que o alho".

Com a força do jurar esfolheando

O sacro livro foi, e a ardente sede

O fez em mar de ranho ir soluçando...

Ah! Que fizeste? O céu os teus passos mede!

Anda, herético filho miserando,

Levanta o dedo a Deus, perdão lhe pede!

## SONETO ANAL

"Ora deixe-me, então... faz-se criança?

Olhe que eu grito, pela mãe chamando!"

Pois grite (digo-lhe então, amarrotando

Saiote, que em baixa-lo irada cansa);

Na quente luta lhe desgrenho a trança

A nágueda lhe levanto, e fumegando,

As estreitadas bimbis separando

Lhe arrimo o caralhão, que não se amansa;

Tanto a ser gíria, não gritava a bela;

Que a cada grito se escorvava a porra, (*piça; pénis*)

Fazendo-lhe do cu saltante pela!

— Há de pagar-me as mangações de borra,

Basta de cono, ponha o cu à vela,

Que nele ir quero visitar Gomorra.

## SONETO DA PUTA ASSOMBROSA

Pela rua da Rosa eu caminhava

Eram sete da noite, e a piça tesa;

Eis puta, que indicava assaz pobreza,

Com um lençinho à janela me acenava.

Quais conselhos? A piça fumegava;

"Hei de seguir a lei da natureza!"

Assim dizia e efetuou-se a empresa;

Prepúcio para traz à porta entrava.

Sem que saúde a moça prazenteira

Se arrima com furor não visto à crica,

E a bela a mole-mole o cu peneira.

Ninguém me gabe o rebolar de Anica;



Esta puta em foder excede a freira,

Excede o pensamento, assombra a piça!

## SONETO DO GOZADOR COÇADOR

"Apre! Não metas todo... Eu mais não posso..."

Assim Márcia formosa me dizia;

— Não sou bárbaro (à moça eu respondia)

Brandamente verás como te coço!

"Ai! por Deus, não... não mais, que é grande! E grosso!"

Quem resistir ao seu falar podia?

Meigamente o coninho lhe batia;

Ela diz "Ah meu bem! O meu peito é vosso!"

O rebolar do cu (ah!) não te esqueça

Como és bela, meu bem! (então lhe digo)

Ela em suspiros mil a ardência expressa.

Por te unir fazer muito ao meu umbigo;

Assim, assim... menina, mais depressa!...

Eu venho-me... ai Jesus!... vem-te comigo!

## SONETO DO GOZO VITORIOSO

Vem cá, minha Marília, tão roliça,  
Suas bochechas da cor do meu caralho,  
Que eu quero ver se os beijos embaralho  
Com esses teus, onde amor a ardência atiça;

Que abrimentos de boca! Tens preguiça?  
Hospeda-me entre as pernas este malho,  
Que eu te ponho já tesa como um alho;  
Ora chega-te a mim, leva esta piça...

Ora mexe... que tal te sabe, amiga?  
Então foges com o cu? É forte história!  
Ele é bom de levar, não, não é viga.

"Eu grito!" (diz a moça merencória).

Pois grita, que espetada nesta espiga

Com porrais salvas cantarei vitória.

## SONETO DO LASCIVO PEZINHO

Dormia a sono solto a minha amada,

Quando eu, pé ante pé, no quarto entrava;

E ao ver a linda moça, que excitava,

Sinto a piça de gosto alvoroçada;

Ora do rosto vejo eu a nevada

Pudibunda bochecha, que encantava;

Outrora nas maminhas demorava

Sôfrega, ardente vista embasbacada;

Porem vendo sair dentre o vestido

Um lascivo pezinho torneado,

Bispo-lhe as pernas e fiquei perdido;

Vai senão quando, o meu caralho amado

Bem como Eneias acordava Dido,

Salta-lhe ao pelo, por seguir o seu fado.

## SONETO DA PIÇA BURRA

Eram oito do dia; eis a criada

Me corre ao quarto, e diz "Aí vem menina

Em busca sua; faces de bonina,

Olhos, que quem os viu não quer mais nada".

Eis me visto, eis me lavo, e esta engraçada

Fui ver rapidamente; Oh céus! que mina!

Que breve pé! Que perna tão divina!

Que maminhas! Que rosto! Oh, que é tão dada!

A piça nos calções me dava urros;

Eis a levo ao meu leito, e ela rubente

Não podia sofrer da piça os murros;

"Ai!... Ai!... (de vez em quando assim se sente)



Uma peça tamanha é dada aos burros,

Não é peça capaz de foder gente".

## SONETO DO CARALHO GOVERNANTE

Pela escadinha de um courão subindo

Parei na sala onde não entra o pejo;

Chinelo aqui e ali suado vejo,

E o fato de cordel pendente, rindo;

Quando em miséria tanta refletindo

Estava, me surgiu ninfa do Tejo,

Roendo um fatacaz de pão com queijo,

E para mim num ai vem rebulindo;

Dá-me um grito a razão: — "Eia, fujaamos,

Minha poça infeliz, já deste inferno...

Mas tu respingas? Tenho dito, vamos..."

Eis a piça assim diz: — "Com ódio eterno

Eu, e os sócios colhões em ti mijamos;

Para baixo do umbigo só eu governo".

## SONETO MATINAL

Eram seis da manhã; eu acordava

Ao som de mão, que à porta me batia;

"Ora vejamos quem será"... dizia,

E assentado na cama me zangava.

Brando rugir da seda se escutava,

E sapato a ranger também se ouvia...

Salto fora da cama... Oh! que alegria

Não tive, olhando Armia, que masturbava!

Temendo que venha alguém, a porta fecho;

Com um chupão lhe saudei a rósea boca,

E na rompente mama alegre mexo;

O caralho estouvado o cono aboca;

Bate a gostosa greta o rubro queixo,

E a matinas de amor a piça toca.

## SONETO DO COITO INTERROMPIDO

"Mas se o pai acordar!..." (Márcia dizia

A mim, que à meia-noite a trombicava)

"Hoje não..." (continua, mas deixava

Levantar o saiote, e não queria!)

Sempre em pé a dizer: "Então, avia..."

Cu à parede, a piça me aguentava;

Uma coisa notei, que me excitava,

Era o calçado pé, que então rangia;

Vim-me, e sentado num degrau da escada,

Dando limpeza ao caralho, e mais à greta

Nos preparamos para mais porrada;

Para variar, nas mãos meti-lhe a teta;

Tosse o pai, foge a filha... Ó vida errada!

Lá me ficou no meio uma punheta!

## SONETO DA MOCETONA PUDIBUNDA

Levanta Alzira os olhos pudibunda

Para ver onde a mão lhe conduzia;

Vendo que nela a peça lhe metia

Fez-se mais do que o nácar rubicunda.

Toco o pentelho seu, toco a rotunda

Lisa bimba, onde Amor o seu trono erguia;

Entretanto em desejos ela ardia,

Brando licor o pássaro lhe inunda.

Com dedo a greta sua lhe coçava;

Ela, maquinalmente a mão movendo,

Docemente o caralho me embalava;

"Mais depressa" — Lhe digo então morrendo.



Enquanto ela sinais do mesmo dava;

Mística p'via assim fomos comendo.

## SONETO DO OFICIO MERETRÍCIO

Uma empada de gálico à janela,  
Fazendo meia, alinhavando trapos,  
Enquanto a guerra faz tudo em farrapos,  
Pondo o honrado a pedir, e a virgem bela!

Vai a trombuda, sórdida Michela  
Fazendo guerra a marujais marsapos,  
E sem que deste mil lhe façam papos,  
Com cu também dá às piças trela;

Tudo em metal por dois canais junta;  
Recrutas nunca teme, e do Castelo  
Se ri, que aos guardas as mãos lhes unta;

Nas públicas funções vai dar-se ao prelo;

Minha alma agora, meu leitor, pergunta

Se o ser puta não é ofício belo?

## SONETO DO ADEUS ÀS PUTAS

Que eu não me possa juntar como o Quintela

É coisa que me aflige o pensamento;

Desinquieta a piça, quer sustento,

E a pívia trata-a já de bagatela.

Se noutro tempo houve alguma bela

Que o amor só desse o cono penugento,

Isso foi, já não é; que o mais sebento

Cagaçal quer durázia caravela.

Perdem saúde, bolsa, e economia;

Nunca mais me verão o meu membro roto;

Está aí a minha porral filosofia.

Putas, adeus! Não sou vosso devoto;

Com um cu enganarei a fantasia,

Numa escada enrabando um bom garoto.

## DE CERÚLEO GABÃO NÃO BEM COBERTO

De cerúleo gabão não bem coberto,

Passeia em Santarém chuchado moço,

Mantido às vezes de sucinto almoço,

De ceia casual, jantar incerto;

Dos esburgados peitos quase aberto,

Versos impinge por miúdo e grosso.

E do que em frase vil chamam caroço,

Se o quer, é vox clamantis in deserto.

Pede às moças ternura, e dão-lhe motes!

Que tendo um coração como estalagem,

Vão nele acomodando a mil pexotes.

Sabes, leitor, quem sofre tanto ultraje,

Cercado de um tropel de franchinotes?

É o autor do soneto: é o Bocage!

## II PARTE

CANTIGAS, ODES, EPISTOLAS E ELEGIAS



## RIBEIRADA

### ARGUMENTO

Quando o preto Ribeiro entregue ao sono

Jazia, aparece-lhe o deus Priapo; (*deus grego da fertilidade*)

E com uma das mãos por ser fanchono, (*homossexual, gay*)

Agarra-lhe na cabeça do marsapo; (*caralho*)

Oferece-lhe depois um belo cono,

Cono sem cavalete, gordo e guapo;

Casa o preto mas a mulher, no fim de contas,

Põe-lhe na testa retorcidas pontas.

### I

Ações famosas do fodaz Ribeiro,

Preto na cara, enorme no mangalho,

Eu pretendo cantar em tom grosseiro,

Se a musa me ajudar neste trabalho;

Pasme absorto escutando o mundo inteiro

A porca descrição do horrendo malho,

Que entre as pernas alberga o negro bruto

No lascivo apetite dissoluto.

## II

Oh! Musa galicada e fedorenta! (*que tem sífilis*)

Tu, que às fudas de Apolo estás sujeita,

Anima a minha voz, pois hoje intenta

Cantar esse mangaz, que a tudo arreita; (*fode*)

Dá-se vaso carnal que o membro aqueita,

Onde tanta langonha se aproveita,

Um chorrilho me dá, oh musa obscena,

Que eu com rijo tesão pego na pena.

## III

Em Troia, de Setúbal, bairro inculto,

Mora o preto castiço, de quem falo;  
Cujos nervos são de sorte, e tem tal vulto, (*pénis*)  
Que excede o longo espeto de um cavalo;  
Sem querer nos calções estar oculto,  
Quando se entesa o tímido badalo,  
Ora arranca os botões com fúria rija,  
Ora arromba as paredes quando mijá.

#### IV

Adorna hirsuto ríspido pentelho  
Os ardentes colhões do bom Ribeiro,  
Que são duas maçãs de escaravelho,  
Não digo na grandeza, mas no cheiro;  
Ali piolhos ladros tão vermelho  
Fazem com dente agudo o pau leiteiro,  
Que o cata muita vez; mas ao tocar-lhe  
Logo o membro nas mãos entra a pular-lhe.

V

Os maiores marsapos do universo (*caralhos*)

À vista deste para trás ficaram;

E do novo Martinho em prosa e verso

Mil poetas a piça descartaram;

Quando ainda o cachorro estava no berço

Umas moças por graça lhe pegaram

Na piça já taluda, e de repente

Pelas mãos lhe correu a grossa enchente.

VI

De Polifemo o nervo dilatado, (*um ciclope da mitologia grega*)

Que tentou escachar a Galateia, (*foder até a arrebentar*)

Pelo mundo não deu tão grande brado

Como a piça do preto é negra e feia;

Da Cotovia(\*) o bando galicado (*sifiliso, com sífilis*)

Com respeito mil vezes o nomeia,  
E ao soberbo estardalho do selvagem  
As putas todas rendem vassalagem.

*[(\*) Nome de um antigo bairro de má reputação de Setúbal]*

## VII

O longo e denso véu da noite escura  
Das estrelas bordado já se via;  
E em rota cama a horrenda criatura  
Os tenebrosos membros estendia;  
Do caralho a grandíssima estatura  
Com os lençóis encobrir-se não podia,  
E a cabeça do fodaz de fora pondo  
Fazia sobre o chão medonho estrondo.

## VIII

Os ladros, (\*) que fiéis o acompanhavam

A triste colhoadá a cada instante

Com agudos ferrões lhe traspassavam,

Atormentando a besta fornicante;

Na duríssima pele se entranhavam,

Suposto que com garra penetrante

O negro dos colhões a muitos saca,

E o castigo lhes dá na fera unhaca.

*[(\*) ladros = aqueles que chateiam, que ladram, mas aqui não se trata de cães mas sim de chatos, aqueles pequenos parasitas que se desenvolvem nos pêlos púbicos e provocam comichão.]*

## IX

Tendo o cono patente no sentido

Na barriga o tesão lhe dava murros;

E de ativa luxúria enfurecido

Espalhava o cachorro aflitos urros;  
Com a lembrança do vaso apetecido  
O nariz encrespava como os burros;  
Até que em vão berrando pelo cono,  
De todo se entregou nas mãos do sono.

X

Já roncando, os vizinhos acordava  
O lascivo animal, que representa  
Com o motim pavoroso que formava,  
Trovão fero no ar, no mar tormenta;  
Com alternados coices espancava  
Da pobre cama a roupa fedorenta,  
Que pulgas esfaimadas habitavam,  
E de mil cagadelas matizavam.

XI

Eis de improviso em sonhos lhe aparece  
Terrífica visão, que um braço estende,  
E pela grossa carne que lhe cresce  
Debaixo da barriga ao negro prende;  
Acorda, põe-lhe os olhos, e estremece  
Como quem ao terror se curva e rende;  
Com o medo que tinha, a piça ingente  
Se meteu nas encolhas de repente.

## XII

Do tremendo fantasma a testa dura  
Dois retorcidos cornos enfeitavam;  
E, debaixo da pança, a mata escura  
Três disformes caralhos ocupavam;  
O sujo aspeto, a feia catadura, (*cara, face*)  
Os rasgados olhões iluminavam;  
E na terrível destra o torpe espectro



Empunhava uma piça em vez de cetro.

### XIII

Ergue a voz, que as paredes abalava,

E com a força do alento sibilante

Mata a pálida luz, que a um canto estava,

Em plúmbeo castiçal agonizante;

“Oh tu, rei dos caralhos (exclamava)

Perde o medo, que mostras no semblante;

Que quem hoje te agarra no marsapo (*caralho*)

É de Vénus o filho - o deus Priapo.

### XIV

“Vendo a fome cruel de parrameiro, (\*)

Que essas negras entranhas te devora,

De putas um covil deixei ligeiro,

Por fartar-te de fodas sem demora;

Consolarás o rígido madeiro

Numa fêmea gentil, que perto mora,

Mas não lho metas todo, pois receio

Que a possas escachar de meio a meio.”

*[(\*) Parameiro é um doce típico dos açores mas que se faz em várias partes de Portugal. É suposto ter a forma de uma ferradura mas como sempre houve gente que viu na forma do bolo os quadris de uma mulher, “parameiro” tornou-se calão no século XVIII para essa parte do corpo feminino e até dos próprios órgãos genitais da mulher.]*

## XV

Disse isto, e o negro na cama velozmente

Para beijar-lhe os pés se levantava;

Mas tropeça num banco, e de repente

No fétido bispote as ventas crava; (1- *penico*; 2 - *narinas, nariz, cara, trombas*)

Não ficando da queda muito contente

Com uma gota de mijo à pressa as lava;

E, acabada a limpeza, a voz grosseira

Ao deus falou desta maneira;

## XVI

“Socorro de famintos fodedores,

Propícia divindade, que me escutas!

Tu consolas, tu enches de favores

Ó mestre da fodenga, ó pai das putas;

Viste que, do tesão curtindo as dores,

Travava com o lençol imensas lutas;

E baixaste ligeiro, como Noto,

A dar piedoso amparo ao teu devoto.

## XVII

Enquanto houver tesões, e enquanto o cono

For de arreitadas piças lenitivo, (*medicamento, calmante*)

Sempre hei de recordar-me, alto patrono,

De que és de meus gostos o motivo;

Pois dás-me glória no elevado trono,  
E já, como o veado fugitivo  
Que o caçador persegue, eu corro, eu corro  
A procurar as bordas por quem morro.”

### XVIII

Deteve aqui a voz o rijo acento,  
Que dos trovões o estrépito parece,  
E logo diante os olhos num momento  
A noturna visão desaparece;  
Deixa Ribeiro o sórdido aposento,  
Que de antigos escarros se guarnece;  
E nas tripas berrando-lhe o demónio  
Corre logo a tratar do matrimónio.

### XIX

O brando coração da fêmea alcança

Com finezas, carícias e desvelos;  
A qual sobre a vil cara emprega, e lança  
(Tentação do demónio!) os olhos belos;  
O fodedor maldito não descansa  
Sem ver chegar o dia, em que os marmelos  
Que tem junto da criatura, deem cabeçadas  
Entre as cândidas virilhas delicadas.

## XX

Chega o dia infeliz (triste badejo!  
Mísera crica! Desditoso rabo!)  
E ornado o rosto de um purpúreo pejo  
Une-se a mão de um anjo à do diabo;  
Ardendo o bruto em férvido desejo  
Unta de louro azeite o longo nabo, (*pénis*)  
Para que possa entrar com mais brandura  
A vermelha cerviz faminta, e dura.

## XXI

Começa o banquete, que constava

De dois gatos achados num monturo, (*beco ou lixeira*)

E de raspas de corno, de que usava

Em lugar de pimenta o preto impuro;

Em sujo frasco ali se divisava

Turva água-pé: fatias de pão duro

Pela mesa decrépita espalhadas

A fraca vida perdem às dentadas.

## XXII

Depois de ter o esposo o bucho farto, (*estômago*)

Abrasado de amor na ardente chama,

Foge com leves passos para o quarto,

Ao colo conduzindo a bela dama;

Pelas ceroulas o voraz lagarto

A genital enxúndia já derrama;

Só por ver da consorte o gesto lindo

Ainda antes de foder já se está vindo!

### XXIII

Jazia o velho tálamo a um canto (*o leito nupcial*)

Onde de pulgas esquadrão persiste,

Para ser teatro do aflito pranto

Que havia derramar a esposa triste;

Oh noite de terror, noite de espanto,

Que das fudas cruéis o estrago vistel!

Permite que com métrica harmonia

Patente ponha tudo à luz do dia.

### XXIV

Ergue-lhe a saia o renegado amante,

Estira-se a consorte ágil e pronta;

E ele a seta carnal no mesmo instante

Ao parrameiro mísero lhe aponta; (*cona*)

Com um só beijo do membro palpitante

Ficou subitamente a moça tonta,

E julgou (tanto em fogo ardia o nabo!) (*pénis*)

Que encerrava entre as pernas o diabo.

## XXV

Prossegue o desalmado; mas a esposa

Que não pode aturar-lhe a dura estaca,

Dando voltas ao cu muito chorosa

Com jeito o membralhão das bordas saca;

Ele irado lhe diz, com voz queixosa;

“Não é uma mulher como uma vaca?

Porque fazes traições, quando te empurro

O mastro? Quando vês que gemo, e zurro?”



## XXVI

Então, cheio de raiva, aperta o dente,  
E na gostosa, feminil masmorra,  
Alargando-lhe as pernas novamente,  
Com estrondosos ais encaixa a porra; (*piça; pénis*)  
Ela, que já no corpo o fogo sente  
Do marsapo lhe diz: “Queres que eu morra?  
Tu não vez que me engasgo, e que estou rouca,  
Porque o cruel tesão me chega à boca?”

## XXVII

“Ah! deixa-me tomar um breve alento,  
Primeiro que rendida e morta caia...”  
Mas ele, na foda é um jumento,  
Não tem dó da mulher, que já desmaia;  
Sentindo ser chegado o fim do intento,

Do ranhoso licor lhe inunda a saia;

Porque dentro do vaso não cabia

A torrente, que rápida corria.

## XXVIII

De gosto o vil cachorro então se baba,

E vendo que a mulher calada fica,

“Consola-te (exclamou) que já se acaba

Esta fome voraz da minha peça.”

E com muita risada se gaba

De lhe ter esfolado a roxa crica;

Mas ela grita, ardendo-lhe o sabugo;

“Ora que casasse eu com um verdugo! (*carrasco*)

## XXIX

“Fora, fora cachorro, não te aturo

Que me feres as bordas do coninho!”

E com desembaraço um teso e duro  
Bofetão lhe arrumou no focinho;  
Tomou em tom de graça o monstro escuro  
A afrontosa pancada, e com carinho  
Disse para a mulher: “Brincas comigo?  
Pois torno-te a foder, por castigo.”

XXX

Estas vozes ouvindo a desgraçada  
De repente no chão cair se deixa;  
E, temendo a mortífera estocada,  
Ora abre os tristes olhos, ora os fecha;  
Com suspiros depois desatinada  
Da contrária fortuna ali se queixa;  
Até que ele lhe diz, com meigo modo;  
“Levanta-te do chão, que não te fodo.”

### XXXI

Alma nova cobrou, como uma lebre aflita,  
Que das unhas dos cães se vê liberta;  
E apalpando a conaça (oh que desdita!)  
Mais que boca de barra a encontra aberta;  
Mas consola-se um pouco, e já medita  
Em fugir da ruína, que é tão certa;  
E em vingar-se do horrível brutamente,  
Ornando-lhe de cornos toda a fronte.(\*) (testa)

*[(\*) "Por os cornos ao marido, significa trai-lo com outro. Tal expressão ainda hoje se usa.]*

### XXXII

Tem conseguido a bárbara vingança  
A traidora mulher, como queria;  
E o negro com a paciência branda e mansa,

Sofrendo os cornos vai de dia em dia;  
Bem mostra no que faz não ser criança,  
Que de nada o rigor lhe serviria;  
Porque se uma mulher quiser perder-se,  
Até feita em picado há de foder-se.

### XXXIII

Agora vós, fodões encarniçados,  
Que julgais agradar às moças belas  
Por terdes uns marsapos, que estirados (*caralhos que flácidos*)  
Vão pregar com os focinhos nas canelas; (*joelhos*)  
Conhecereis aqui desenganados  
Que não são tais porrões do gosto delas; (*caralhos*)  
Que lhes não pode, enfim, causar recreio  
Aquele que passar de palmo e meio.

## A MANTEIGUI

### ARGUMENTO

Da grande Manteigui, puta rafada,

Se descreve a brutal incontinência;

Do cafre infame a piça desmarcada, (*pessoa negra*)

Do cornífero esposo a paciência;

Como à força de tanta caralhada

Perdendo o negro a rígida potência,

Foge da puta, que sem alma fica

Dando mil berros por amor da piça.

### I

Canto a beleza, canto a putaria

De um corpo tão gentil, como profano;

Corpo, que, a ser preciso, engoliria

Pelo vaso os martelos de Vulcano;

Corpo vil, que trabalha mais num dia  
Do que Martinho trabalhou num ano;  
E que atura as chumbadas e pelouros  
De cafres, brancos, maratás e mouros. (*índios*)

## II

Vénus, a mais formosa entre as deidades, (*deusas*)  
Mais lasciva também que todas elas;  
Tu, que vinhas de Troia às soledades  
Dar a Anquises as mamas e as canelas;  
Que gramaste do pai das divindades  
Mais de seiscentas mil fornicadelas;  
E matando uma vez da crica a sede,  
Foste apanhada na vulcânea rede; (\*)

*[(\*) Diz a mitologia Romana (já vinda da Grega) que Vénus, a Deusa da beleza e do amor, quando chegou a altura de escolher entre os deuses um pretendente para se casar, optou por Vulcano, o deus da metalurgia, por este ser o mais engenhoso e por ter a habilidade de lhe dar joias belas. O único senão era ser*

*extremamente feio e corcunda. Vénus resolvia essa sua falta de atração física pelo marido, traindo-o com vários homens, sobretudo Marte, o deus da guerra. Um dia foram os dois apanhados em pleno acto, numa rede que Vulcano construía como uma armadilha. Para os castigar, foi mostrá-los, presos na rede, ao panteão dos deuses, para os expor ao ridículo.]*

### III

Dirige a minha voz. Meu canto inspira,  
Que vou cantar sobre ti, se a Jaques canto;  
Tendo um corno na mão em vez de lira,  
Para livrar-me do mortal quebranto; (maldição)  
A tua virtude em Manteigui respira,  
Com graça, que tu tens, motiva encanto;  
E bem pode entre vós haver disputa  
Sobre qual é mais bela, ou qual mais puta.

### IV

No cambaico (\*) Damão, que escangalhado  
Lamenta a decadência portuguesa,



Este novo Ganós foi procriado,

Peste da Ásia em luxúria e gentileza;

Que ermitão de cilícios macerado

Pode ver-lhe o carão sem piça tesa?

Quem chapeleta não será de mono, (1- se masturba; 2 - macacos)

Se tudo que ali vê é tudo cono?

*[(\*) Sítio que pertence à Cambaia, outrora um centro mercantil na Índia, que estava sob o domínio português.]*

## V

Os seus meigos olhos, que a foder ensinam,

Até nos dedos dos pés tesões acendem;

As mamas, onde as Graças se reclinam, (divindades gregas)

Por mais alvas que os véus os véus ofendem;

As doces partes, que os desejos minam,

Aos olhos poucas vezes se defendem;

E os Amores, de amor por ela ardendo,

As peças pelas mãos lhe vão metendo.

## VI

Os seus cristalinos, deleitosos braços,

Sempre abertos estão, não para amantes,

Mas para aqueles só, que, nada escassos,

Cofres lhe atulham de metais brilhantes; (*pretos*)

As níveas plantas, quando move os passos,

Vão pisando os tesões dos circunstantes;

E quando em ledos som de amores canta,

Faz-lhe a peça o compasso com a garganta.

## VII

Mas para castigar-lhe a vil cobiça

O vingativo Amor, como agravado,

Fogo infernal no coração lhe atixa

Por um sórdido cafre asselvajado;

Tendo-lhe visto a tórrida língua

Mais extensa que os canos de um telhado,

Louca de comichões a indigna dama

Salta para ele, convida-o para a cama.

## VIII

Eis que o bruto se coça de contente;

Vermelha febre sobe-lhe ao miolo;

Agarra na senhora, impaciente

De erguer-lhe as fraldas, e provar-lhe o bolo;

Estira-a sobre o leito, e de repente

Quer do pano sacar o atroz mampolo; (*caralho*)

Porém não necessita arrear cabos;

Lá vai o langotim com mil diabos. (*outro calão para pénis*)

## IX

Levanta a tromba o ríspido elefante,

A tromba, costumada a tais batalhas,  
E apontando ao buraco palpitante,  
Bate ali como aríete (\*) nas muralhas;  
Ela enganchando as pernas delirante,  
“Meu negrinho (lhe diz) que bem trabalhas!  
Não há peça melhor em todo o mundo!  
Mete mais, mete mais que não tem fundo.

*[(\*) Instrumento de guerra, usado para derrubar os portões das muralhas]*

## X

“Ah! Se eu soubesse (continua o couro  
Em torrentes de sêmen já nadando)  
Se eu soubesse que havia este tesouro  
Há que tempos me estava regalando!  
Nem fidalguia, nem poder, nem ouro  
Meu duro coração faria brando;

Lavava o cu, lavava o passarinho.

Mas só para foder com o meu negrinho.

## XI

“Mete mais, mete mais... Ah Dom Fulano!”

Se o tivesses assim, de graça o tinhas!

Não viverias em um perpétuo engano,

Pois vir-me-ia também quando te vinhas;

Mete mais, meu negrinho, anda magano;

Chupa-me a língua, mexe nas maminhas...

Morro de amor, desfaço-me em langonha...

Anda, não tenhas medo, nem vergonha.

## XII

“Há quem fuja de carne, há quem não morra

Por tão belo e dulcíssimo trabalho?

Há quem tenha outra ideia, há quem discorra

Em coisa, que não seja de mangalho?

Que tudo entre as mãos se converta em porra, (*piça; pénis*)

Que tudo o que vejo se transforme em caralho;

Caralho, e mais caralho no verão, e no inverno.

Caralho até nas profundas do inferno!...

### XIII

“Mete mais, mete mais (ia dizendo

A marafona, ao bruto, que suava, (*puta*)

E convulso fazia estrondo horrendo

Pelo rústico som com que fungava:)

Mete mais, mete mais que estou morrendo!...

“Mim não tem mais!” O negro lhe tornava; (*respondia*)

E triste exclama a bêbeda fodida;

“Não há gosto perfeito nesta vida!”

### XIV

Nesse momento o cornaz marido,  
O bode racional, veado humano,  
Entrou pela câmara atrevido  
Como se entrasse num lugar profano;  
Mas vendo o preto em jogos de Cupido,  
Eis que muda logo, dizendo: “Arre, magano!  
Na minha cama! Estou como uma brasa!  
Mas, bagatela, tudo fica em casa.”(\*) (*coisa sem importância*)

*[(\*) Quer isto dizer que o marido, com medo do negro, diz que apesar de estar zangado, não valia a pena haver chatices por uma coisa de nada. “tudo fica em casa”, ou seja, que não se crie escândalo na praça pública.]*

## XV

A foda começada ao meio dia  
Teve limite pelas seis da tarde.  
Veio saltando a ninfa de alegria,  
E de sórdida ação fazendo alarde;  
O bom consorte, que risonha a via,

Lhe diz: “Estás corada! O céu te guarde;

Bem boa alpiste ao pássaro te coube!

Ora diga, menina, a que te soube?”

## XVI

“Cale-se, tolo”(a puta descarada

Grita num tom raivoso, e lhe rezinga)

O rei dos cornos a cerviz pesada

Encolhe os ombros, e não respinga;

E o courão, da pergunta confiada,

Outra vez com o cafre, e mil se vingá,

Até que ele, faltando-lhe a semente,

Tira-lhe a mama, e foge de repente.

## XVII

Deserta por temor de esalfamento.

Deserta por temer que o couro o mate;



Ela então de suspiros enche o vento,  
E faz alvoroçar todo o Surrate;  
Vão procurá-lo de cipais um cento,  
Trouxeram-lhe a cavalo o tal saguate;  
Ela o vai receber, e o grão Nababo  
Pasmou disto, e quis ver este diabo.

### XVIII

Pouco tempo aturou de novo em casa  
O cão, querendo logo a pele forra,  
Pois a puta com a críca toda em brasa, (*cona; vagina*)  
Nem queria comer, só queria porra; (*piça; pénis*)  
Voou-lhe, com um falcão batendo a asa,  
E o courão, sem achar quem a socorra,  
Em lágrimas banhada, acesa em fúria,  
Suspira de saudade, e de luxúria.

## XIX

Courões das quatro partes do universo,

De gálico voraz envenenados!

Se deste canto meu, deste acre verso

Ouirdes por ventura os duros brados;

Em bando marcial, coro perverso.

Vinde ver um cação dos mais pescados.

Vinde cingir-lhe os louros, e devotos

Beijar-lhe as asas, pendurar-lhe os votos.

## IMPROVISO

Á meia-noite

Saiu de um cano

Cheio de merda

Crispiniano.

Eis que da ronda

Tropel insano

Divisa ao longe

Crispiniano.

Capuz o cobre

“És franciscano?”

- Sou (lhe responde)

“Crispiniano”.

Chega o alcaide, (*o equivalente, hoje, ao polícia*)

Dá-lhe um abano;

Sai da gravata

Crispiniano.

A UM VELHO TABELIÃO,  
QUE CASOU COM UMA RAPARIGA NOVA

I

Um tabelião caduco (*profissional do Direito, advogado*)

Com mulher nova casado,

Vai portar no seu estado

Por fé o sinal de cuco;

Como já não deita suco

Por mais que puxe os atilhos,

Não lhe hão de faltar casquilhos (*rapazes novos, janotas*)

Para a moça amantes novos,

Que lhe vão galando os ovos,

E ele vá criando os filhos.

II

Ele diz que assim o quer;

Mas de raiva dará pulos,

Vendo que são actos nulos

Os actos que ele fizer;

Sem ter direito à mulher

Que será deste demónio?

Logo então qualquer bolónio (*simplório, pacóvio*)

Lhe desmancha o casamento,

Porque não tem instrumento

Com que prove o matrimónio.

### III

Tenha embora muita renda,

Seja lavrador morgado,

Mas para homem casado

Sempre tem pouca fazenda;

É provável se arrependa

A pobre da rapariga,

Que se agatanhe e maldiga, (*enfureça*)

Quando na noite da boda

Vá correr a seara toda,

E não encontrar espiga.

#### IV

Ainda que não tome a mona

Por ter fibra já cansada,

Mal pode assistir à entrada

De Carlos em Barcelona;

Que o leve ao porto de Ancona

Não terá vento ponteiro,

E andando sempre em cruzeiro

Que fará este homem raro?

Ser como os cães, que têm faro;

Conhecê-lo pelo cheiro.

V

Por mais que à moça infeliz  
Faça protestos de amor,  
Sempre se quer fiador  
De homem sem bens de raiz;  
Só crerá no que ele diz  
Se escritura lhe fizer;  
E ele pode-lhe fazer  
Uma dúzia, e uma centena;  
Mas nunca molhando a pena  
No tinteiro da mulher.

VI

São tristes da moça os fados,  
Pois lhe não consentem que ela  
Avance pela Arreitela  
Até Pica de Regalados;



Logo entre estes dois casados

Se trava renhido pleito,

Mas se por agravo o feito

Ele leva à Relação,

Lá ninguém lhe dá razão,

Sem que mostre o seu direito.

## O INFERNO DO CIÚME

### I

Esse abismo, esse Orco eterno

Não é filho da razão;

Os pavores da ilusão

É que pariram o inferno;

Pelo siso me governo,

Que louco e falso a presume;

Mas, se não creio esse lume,

Nem esse invento maldito

Por experiência acredito

O inferno do Ciúme.

### II

Em vão pregador rançoso

Lá do púlpito vozeia,

Quando a triste imagem feia  
Traça do inferno horroroso;  
É sistema fabuloso,  
Que à razão embota o gume;  
Não, não há Tartáreo lume,  
Que devore a humanidade;  
Sabeis vós o que é verdade?  
O inferno do Ciúme.

### III

Venha cá, senhor Boticário,  
Você sabe em que se mete,  
De tão rafado cadete  
Sendo terceiro, está vário?  
Advirta que é necessário  
Reportar ações insanas;  
Estude em fazer tisanas, (*chás, mezinhas*)

Algum purgante ligeiro,  
Mas não seja alcoviteiro  
Muito menos de sacanas.

#### IV

Para que viva a cozinheira,  
Que tão boas papas fez!  
Confesso por esta vez  
Que bem me sabe e me cheira;  
O Papa na sua cadeira  
Vestido de estola e capa  
Não faz coisa tão guapa;  
A cozinheira faz mais;  
O Papa faz Cardeais,  
A cozinheira faz papas.

## DIÁLOGO ENTRE O POETA E O TEJO

POETA

Tejo que tens, estás quedo? (*calado, quieto*)

Não banhas hoje esta praia?

De que o teu valor desmaia?

TEJO

Eu to digo, mas segredo;

Confesso que tenho medo

Do teu ranchinho infernal.

POETA

O teu susto é natural,

Parecem três furiazinhas,

Mas contudo são mansinhas,

Não mordem, não fazem mal.

São uns cornos muito bem feitos

Uns cornos mui delicados,

São cornos, que torneados

Se podem trazer aos peitos;

Cornos que sobem direitos.

Pela sua varonia,

E sem mais cronologia

Tem gravados na armadura

Os timbres da fidalguia.

## ELEGIA À MORTE DE UMA FAMOSA ALCOVITEIRA

Génio só dado a sórdidas torpezas,

Que usas comprar na imunda Cotovia (*antigo bairro de má fama*)

Chochos agrados de venais belezas;

Solto o cabelo, as carnes arrepiã

Na morte desta ilustre recoveira,

Inspira-me tristíssima elegia.

Honrada, e a mais sabida alcoviteira,

A ti consagro este cipreste umbroso,

Com que te enramo a esquálida caveira;

Enquanto pelo rio pantanoso

A ouvir te leva o pálido Caronte

Severas leis de Minos rigoroso.

Alçando para o ar a crespa fronte

Os ouvidos estende às vozes minhas,

Quando no mundo os teus louvores conte.

Vós, moças do Bairro-Alto e Fontainhas, (*antigos locais de prostituição em Lisboa*)

Vós testemunhas sois da grande falta

Que chorando contaís entre as vizinhas.

Ai! Que há de ser de vós, gente da malta?

Eu vejo em vossas faces o desgosto,

E a dor, que os corações vos sobressalta!

Morreu a vossa mãe, o vosso encosto,

Que vos ganhava o pão honradamente,

Ainda que com o suor do vosso rosto!

Não mais vereis entre a mundana gente

Daquela honrada boca o grato riso,

Que descobria um solitário dente!

Morreu a discrição, foi-se o juízo,

Vós o sabeis: melhor que esta viúva

Ninguém fez um recado de improvisado.

Embrulhada na capa ao vento, à chuva,

Ela comprar-vos-ia caridosa



As gíngas, os melões, a pera, a uva;  
Vendo qualquer de vós triste e chorosa,  
Ela desassossega, ela trabalha  
Por livrar-vos da pena lamentosa.  
Conhecia os tafuis já pela malha,  
Ela vos apartava dos sovinas,  
Para aqueles que dão maior medalha;  
Chupista de dinheiro e de tolinas,  
Por todas repartindo esta pendanga,  
Ela era o vosso bem, e as vossas minas.  
Com os homens depravados tinha zanga,  
Gostava da modéstia e da virtude  
Dos que dão a beijar cordão e manga.  
Se a mandavam beber, era um almude, (*cântaro*)  
E às vezes não parava até que a boca  
Se lhe punha mais grossa do que grude.  
A que a procurava, e que não era louca,

A recolhia em casa, e pela mama

Apenas lhe levava coisa pouca.

Sempre de todas dava boa fama,

De fregueses lhe armava quantidade,

Até as pôr sobre si com casa e cama.

Nos ganhos nunca levou metade;

Qualquer coisa aceitava, porque pensa

Que o mais era faltar à caridade.

Dotada foi de caridade imensa;

Sempre ao lado se achou da sua amiga

No tempo da saúde, e da doença.

Aquela moça gordalhuda o diga;

Ela pode pintar mais vivos quadros

Desta estimável, desta amante liga.

No tempo em que ela andou vagando os adros,

Mil vezes lhe curou com os seus inventos

Cruéis camadas de piolhos ladros.

Ela mesma com os dedos fedorentos

Cheia de amor, de caridade cheia,

Lhe ministrava os fétidos unguentos.

À frouxa luz da trémula candeia.

Que tem no chamejar os seus intervalos,

As chagas cura, a porquidade asseia;

De alvíssima pomada untando os calos,

As partes amacia, que mordera

O dente de ardentíssimos cavalos.

Jamais no seu trajar luxo tivera,

Nem na sua cabeça houve polvilhos, (*enjeites*)

Depois que seu marido lhe morrera.

Foi a primeira em dar ensino aos filhos;

Procurai este trilho verdadeiro

Vós, oh pais, que seguis diferentes trilhos.

Uma filha, que Deus lhe deu primeiro,

Arrimada a deixou com a loja aberta;

Teve um filho que foi alcoviteiro.

Eia, pais de famílias, olho alerta;

Se quereis os vossos filhos empregados,

Tendes século bom, e é moca certa.

Dispôs da sua terça, que tirados

Os gastos funerais, que lhe fariam

Os devotos irmãos, gatos-pingados.

Os seus testamenteiros comprariam

Com o resto uma barraca, em que decente

Uma casa de alcouce erigiriam;

Que haveria noviças e regente;

Proveu logo este cargo na Coveira,

Por ser mais respeitosa, e mais prudente;

A Santarena fica tesoureira;

Chamou para escritã a Inácia China,

Felícia de Chaté madre rodeira.

Ninguém melhor os seus vinténs destina,

Porque para solteiras e casadas

Vejam que seminário de doutrina!

Entre as últimas vozes já trancadas,

Chamando a filha com afago, e rogo

Ficaram entre os braços enlaçadas.

“A mecha (lhe diz ela) junto ao fogo

“É fácil de pegar...” Ia adiante,

Porém não disse mais, que morreu logo.

De palidez cobriu-se-lhe o semblante, (*rosto*)

Ouviram-se ao redor gritos imensos

Da turba feminil, pouco constante.

Ternos suspiros pelos ares densos

Vão abraçar o seu cadáver frio,

Cobrem-se os olhos de engomados lenços.

Cortou a Parca desta vida o fio,

O espírito nu, da carne desatado,

Lá vai cruzando o lutulento rio.

Oh dia com razão amargurado!

Enquanto nos lembrar tão triste imagem,

Sempre serás dos bons tafuis chorado.

Cobrir tu viste com pesada lajem

Aquela que nos fez o benefício

De nos dar uma casa de estalagem.

Ninguém soube melhor do seu ofício;

Nem se achara tão destra alcoviteira

Somente com trinta anos de exercício.

E vós, mulheres que gostais de asneira,

Honrai as suas cinzas, os seus ossos,

E respeitai-lhe a fúnebre caveira.

A morte dá nos velhos e nos moços;

Ninguém se escapa da carranca feia

Depois de preso em seus calabres grossos.

Conservai pois esta fatal ideia,

E rodeando o corpo desditoso,

Acendei cada um, uma candeia.

E fazei-lhe um sepulcro aparatoso.

## A AVENTURA NOTURNA

Era alta a noite, e as beiras dos telhados

Pingando mansamente convidavam

A gente toda a propagar a espécie;

Brandas torrentes, que do céu caíam

Pelas ruas abaixo sussurravam;

Dormia tudo; e a ronda do intendente

Que o grão Torquato rege, o pai das putas,

Esbirro-mor, Mecenas das tabernas,

Recolhido se tinha aos pátrios lares.

Era tudo silêncio, e só se ouvia

De vez em quando ao longe uma matraca.

Soava o sino grande dos Capuchos,

Vão-se os frades erguendo, era uma hora.

Não podia faltar: Nise formosa,

Pela primeira vez me estava esperando.



De repente me visto, e salto fora  
Da pobre cama, onde envolto em sonhos  
Mil imagens a mente me fingia.  
Visto roupa lavada, e me perfumeo,  
Num capote me embuço, a espada tomo,  
Que nunca me serviu, mas que em tais casos  
Metete a todos respeito; e qual Quixote,  
Que, havendo já perdido o caro Sancho,  
Sem nada recear de assalto busca  
Altos moinhos, que valente ataca;  
Tal eu figuro achar a cada esquina  
Um Rodamonte, e pronto me disponho  
A lançá-lo por terra, em pó desfeito.  
Assim gastei o tempo, até que chego  
Ao sítio dado, onde o meu bem me espera.  
Mal a porta emboquei, dentro em mim sinto  
Um fogo ativo, que me abrasa todo.

Eis de Nise a criada, abelha-mestra,  
Que à mira estava ali, a mão me aperta,  
Vai-me guiando, e diz: “Suba de manso.  
Que aí dorme a senhora.” A poucos passos,  
Por acaso ao subir apalpo-lhe as coxas...  
Oh cáspite! Que rabo! Era alcatreira,  
Nunca vi cu tão duro, era uma rocha.  
Foi o tesão então em mim tão forte,  
Que as mãos lhe encosto aos ombros e nela salto.  
E enfadada dizia: “Olhem o brejeiro!... (*vadio*)  
Afasto-se lá, que pode ouvir a minha ama!...”  
Ao dizer isto a voz lhe fica presa,  
Soluça, treme toda, estende os braços,  
Aperta as pernas, encarquilha o cono,  
Que estava do cu polegada e meia.  
Qual moinho de cartas, que os rapazes  
Em tempo de verão põem nas janelas,

Tal a moça rebola: e eu posto em cima,

Sem nada lhe dizer, tinha vertido

Na larga adorna a larga apojadura. (*esperma*)

Acabada a função, em que a moçoila

(Segundo confessou) deu três por uma,

Num quarto me encaixou, onde os Amores

Tinham a sua morada, onde Cupido

Havia receber em seus altares

Em breve espaço os meus amantes votos.

Dormia tudo em casa: eis Nise bela

Um pouco envergonhada, assim ficando

Mais vermelha que a rosa, a mim se chega,

Nos meus braços se lança: então lhe toco

No tenro e branco seio palpitante;

Trêmula a voz, que o susto lhe embargava,

Mal me pode dizer: “Meu bem, minha alma

“Quanto pode o amor num peito firme!

“Bem vês ao que me arrisco: eu bem conheço

“Quanto ofendo o meu sexo, e as leis da honra

“Bem sei que despedaço!... Mas não temo

“Que te esqueças de mim, que ufano zombes

“De uma infeliz mulher amante, e fraca!...”

Enquanto assim falava, me prendia

Nise com os braços seus, e aos meus joelhos

As pernas encostava, que eu conheço

Pelo tacto, que são rijas e grossas.

Mal podia conter-me: o céu chuvoso

Pelas telhas caía; o vento rijo

Pelas frestas zunia; a casa toda

Com cheiro de alfazema; a cama fofa,

Tudo enfim era amor, tudo arreitava.

Começo a beijar-lhe as mãos feitas de neve,

Descubro-lhe com jeito o tenro peito,

Que ansioso palpita, que resiste,

Que não murcha ao tocar-se; oh como é bela!

No seio virginal, onde dois globos

Mais brancos do que jaspe estão firmados,

Ansioso beijando-os, pouco a pouco

Se fizeram tão rijos que mal pude

Comprimi-los com os beijos; neste tempo

Pelo fundo da saia subtilmente

Lhe introduzi a mão, com que esfregava

O pentelho em redondo, o mais hirsuto

Que até ali encontrei; e como a crica

Vertido tinha já pingas ardentes,

Certos sinais, que os férvidos prazeres

Dentro na alma de Nise à luta andavam,

Tal fogo em mim senti, que de improviso

Sem nada lhe dizer me fui despindo,

Até ficar nu em pelo, e o membro feito,

Na cama me encaixei, que a um lado estava.

Nise, cheia de susto, e casto pejo,  
De receio, e luxúria combatida,  
Junto a mim se assentou, sem resolver-se.  
Eu mesmo a fui despindo, e fui tirando  
O que cobria o seu airoso corpo.  
Era feito de neve: os ombros altos,  
O colo branco, o cu roliço e grosso;  
A barriga espaçosa, o cono estreito.  
O pentelho muito denso, escuro e liso;  
Coxas piramidais, pernas roliças,  
O pé pequeno...Oh céus! Como é formosa!  
Já metidos na cama em nívea Holanda,  
Erguido o membro até tocar no umbigo,  
Como um Amadis de Gaula entrei na briga;  
Pentelho com pentelho ambos unidos,  
Preso a voz na garganta, ardente fogo  
Exalávamos ambos; Nise bela

Ou fosse natural, ou fosse de arte,  
O peito levantado, ansiosa, aflita,  
Tremia, soluçava, e os olhos belos  
Semi-mortos erguia: a cor do rosto  
Pouco a pouco murchava; era tão forte,  
Tão ativo o prazer, que ela sentia,  
Que, cingindo-me os rins com os alvos braços,  
Tanto a si me prendia, que por vezes  
O movimento do cu me embaraçava;  
Com as alvas pernas me apertava as coxas,  
Titilava-lhe o cono, e reclinada  
Quase sem tino a lânguida cabeça,  
Chamando-me seu bem, sua alma e vida,  
Faz-me ternas meiguices, brandos mimos;  
Férvidos beijos, mutuamente dados,  
Anelantes suspiros se exalavam;  
Era tudo ternura; e em breve espaço

Ao som de queixas mil, com que tentava

Mostrar-me Nise um dano irreparável,

Senti-me quase morto em todo o corpo;

Uma viva emoção senti gostosa

Dentro em minha alma: férvidos prazeres

O peito vivamente me agitavam;

Os olhos, e a voz amortecida,

Os braços frouxos, quase moribundos,

Lânguido o corpo todo, enfim mal pude

Saber o que fazia...Eis de improviso

Tornando a mim mais forte, e mais robusto,

Tentei de novo o campo da batalha;

Como um bravo guerreiro, que se abrasa

No cálido vapor, que exala o sangue

Que ele mesmo esparziu entre as falanges

De inimigos cruéis, que vence, e mata;

Assim eu, abrasado em vivo fogo



Que de Nise saía, me não farto  
Da guerra, que tentei de novo a aperto,  
De novo beijo os seus mimosos braços;  
Beijo-lhe os olhos, a mimosa boca,  
Os níveos peitos, a cintura airosa;  
Nise outro tanto me fazia alegre,  
Estreitava-me a si por vários modos;  
Ora posto eu por baixo, ela por cima,  
Para dar doce alívio aos membros lassos;  
Ora posto de ilharga, sem que nunca  
O voraz membro do lugar saísse,  
Onde uma vez entrara ativo e forte,  
O membro, que em tal caso era mais duro  
Que alva coluna de marmóreo jaspe;  
Até que enfim, depois de não podermos  
Nem eu, nem Nise promover mais gostos,  
O brando sono, sobre nós lançado

Os seus doces influxos brandamente,

Os olhos nos cerraram. Uns leves sonhos

Vieram animar os nossos sentidos,

Até que chegou a fresca madrugada,

Em que à casa voltei de onde saíra;

E voltando outra vez à pobre cama,

Dormi o dia inteiro a sono solto.

# A ARTE DE AMAR

ou

## PRECEITOS E REGRAS AMATÓRIAS PARA AGRADAR ÀS DAMAS

### I

Se, lascivos do mundo, amais sem arte,

Lede meus versos, amareis com ela.

Tu, louro Apolo, me tempera a lira,

Tu, branda Vénus, a cantar me ensina.

Quanto nos reinos de Plutão deseja

Tântalo ardente mitigar a sede;

Quanto suspira Prometeu, que Jove

Os duros ferros, com que o prende, rompa;

Tanto deseja a feminina turba

Ao corpo varonil unir o seu corpo;

Tanto suspira por que mão lasciva

Meiga lhe toque nas colunas lisas,

E que mimoso, petulante dedo

Lhe amolgue os tesos seus virgíneos peitos.

Em Junho ardente pelo seu consorte

Clama, suspira em verde ramo a rola;

Em gelado Janeiro clama triste

A doméstica tigre por marido;

Brama nos campos em sereno maio

Mansa novilha por amado touro.

Sábua Natura o débil sexo excita.

Torpes desejos com ardor provoca;

Mas sempre firme e simulada nega

Carnal impulso geração de Pirra.

Busca Diana Endimião nos bosques,

Mas finge ousada perseguir as feras;

Ardente Vénus só prazer respira,

Mas os seus favores solicita Marte;

Serrana humilde reclinar deseja

Nos doces braços de um vaqueiro o colo;  
Mas dele foge, na montanha, esquiva,  
Com ele o baile festival recusa.

## II

Tu, pródigo Licurgo, ou quem primeiro  
À vaga turba legislou dos homens,  
Severo alçando temeroso ferro  
Duro reprimes da natura os gritos;  
A face mulheril, imóvel de antes,  
Pudibundo rubor e pejo destes;  
Mas ah! Não tema varonil caterva  
Femíneo pejo, sendo eu o seu mestre.  
Corta o duro machado erguido tronco,  
Mas vejo sempre pulular vergôntes;  
Diques forçosos contra o mar se elevam,  
Mas além deles delfins mansos nadam.

Pode mais do que as leis a Natureza,  
Pratica o mundo só o que ela dita;  
Faz-se escondida enquanto a não descobrem;  
Eu subtil mestre a descobri-la ensino.  
Ah! Não me chamem críticos austeros  
Dos boas costumes corruptor profano,  
Ah! Não me mande César irritado  
No frio Euxino a viver com os Getas.  
Outra cousa não faz duro colono  
Com liso arado, quando rompe a terra;  
Dura côdea o calor nativo impede,  
O ferro a rasga, e o calor transpira.

### III

Vós, mancebos, correi, correi ligeiros  
Do Tibre às margens férteis, e mimosas.  
Tão imóveis me ouvi, mas não tão surdos;

Direi primeiro como Amor se enleia,

Depois como se faz propícia Vénus.

Tu, oh Jove imortal, tu, pai dos deuses,

Sábio me inspira, que não basta Apolo.

É verde louro fugitiva Dafne,

Amor ingrato do queixoso Febo;

Tu, selvático filho de Saturno,

Só tu não temes desdenhosas iras;

Ou chuva de ouro a bela Dánae molhas,

Ou touro manso linda Europa roubas.

A face mulheril formosa e pura

Cobrem de pejo avermelhadas rosas;

Ou dedo juvenil destro as desfolhe,

Ou cálido vapor soprando as murche;

Então lasciva, sem rebuço exposta

Fácil se entrega, sem temor se arroja;

Então tu, louro Apolo, serás Dafne,

A ninfa fugitiva será Febo.

Após o bruto filho de Neptuno

Correrá Galateia os verdes mares;

Assim foge de Circe o grego Ulisses,

Assim foge de Dido o pio Eneias.

Porém, primeiro, sutilmente a inflama;

Se acaso ardente, devorante fogo

Torrar os bofes, consumir entranhas,

Natura acode com forçoso impulso,

E mais depressa se afugenta o pejo;

Mais depressa o calor do sol derrete

Pálida massa de esfregada cera;

Mais cedo rompe aríete forçoso

Torres antigas, ruinosos muros.

#### IV

Se branco rosto, que formoso esmaltam



Preciosos rubis, azuis safiras,

Face morena, que engraçados ornam

Dois pretos olhos, com que as Graças brincam;

Se airoso gesto, movimento lindo,

Se honesto modo, se sisudo termo

Feriu os teus olhos no teatro, ou templo,

Eia, mancebo, os tens amores, corre!...

Em pé ligeiro te sublima, e ergue;

Da vasta chusma simulado escapa.

Ou destro finjas cérebro revolto,

Ou falso mostres abafado o peito;

Logo modesto dirigindo os olhos

À branda Tirse, para os seus repara;

Vê se inocentes ao acaso vagam.

Ou se inquietos com destino giram;

Se por ventura teu rival encontras.

Ânimo forte, desmaiar não deves;

Mais honrosa será tua vitória,

Tens para o carro triunfal cativo.

V

Era consorte de Vulcano, Vénus,

Mas dos favores seus é digno Marte;

Com vergonha do sórdido ferreiro

Preso nas redes fica o deus da guerra;

Quais no prado melíferas abelhas

Correm voando de uma flor em outra,

Nem sobre o casto rosmaninho pousam,

Nem sobre o timo matinal descansam;

Tais, oh mancebos, mulheris desejos

Correndo voam de um amor em outro.

Nem destro Ulisses seu correr impede,

Nem rico Midas suas asas prende;

Oh tu cerúlea, cristalina Tétis,

Quando revolta não serás tão vaga?

Oh tu soberbo, furioso Noto,

Quando liberto não serás tão doido?

São mais constantes de um carvalho altivo

As livres folhas, quando Bóreas sopra, (*figura que representa o vento norte*)

Tremulam menos nos extensos mares

Flâmulas soltas, que maneia o vento.

Se tu mancebo, por acaso agradas,

Vive seguro, em teu rival não cuides;

É velho amante, tu amante novo;

Pode mais do que amor a novidade;

De novo ardia por Helena Páris,

Por isso foi de Menelau contrário.

## VI

Mas é preciso que subtil e ardido

Primeiro excites a atenção de Tirse.

Com gesto alegre o teu amor exprime,  
Falem os teus olhos, todo o corpo fale;  
Mudo lhe diz que te assombra, e pasmam  
Do seu semblante a formosura e a graça.  
Ora de espanto se amorteça a face,  
Ora se acenda com venéreo fogo;  
O mesmo efeito teus contrários fazem,  
Todos o orgulho mulheril incensam;  
O forte sexo para si reserva  
De Febo os louros, de Mavorte as palmas.  
Em carros triunfais nunca viu Roma  
Matrona ilustre de Cesárea casa;  
Sós entre a chusma mulheril as Musas  
À sombra dormem de Apolíneos louros;  
Ao sexo lindo só agradam mirtos,  
Verdes arbustos, que cultiva Vénus.  
Só entre a chusma varonil Cupido

Da Cípria deusa pode entrar no templo;

A porta guardam Fúrias irritadas, *(as personificações da vingança e da guerra)*

Que em vez de lanças arripelam serpes,

Com dente venenoso rasgam, mordem

Alheio sexo, que arrosta-las ousa.

Posto que fosse lindo o amor de Vénus,

Morreu da sua mordedura Adónis;

Provando a fúria da raivosa Aletto,

Foi convertido em tenra flor Narciso.

## VII

Mas onde corre o meu batel ligeiro! *(barco)*

Ferrando a vela para trás voltemos.

Mancebos, que me ouvis, sabeis somente

Que neste laço se surpreendem todas.

Se acaso entrasse nesta rede de ouro

Lucrecia mesma ficaria presa; *(Lucrecia Borgia)*

Não seria Penélope tão casta,  
Se os seus amantes lhe chamassem bela.  
Esta glória somente querem todas,  
Com fervoroso ardor todas a buscam;  
Nem sobre as margens do Eufrates César  
Mais pela glória marcial suspira.  
Apraz a Vénus variar de forma,  
Também Cupido de ser vário gosta;  
Um gesto sempre doce se aborrece,  
Às vezes vale muito um desagrado.

## VIII

De teu rival, mancebo, nota o modo,  
E tu sempre diverso modo segue;  
Não basta ter somente amante novo,  
É também necessária nova forma,  
Se ele inquieto namora, tu sisudo,

Se indecente se mostra, tu modesto;

Se triste se apresenta, tu alegre;

Se acanhado se mostra, tu mais livre,

Mas toma sempre virtuoso gesto,

Só lhe pareça o teu amor fraqueza.

Não há no mundo tão lascivo monstro

Que a virtude não preze mais que o vício;

E julga sempre a feminina turba

Deles alheio quem se mostra casto;

A flama do Ciúme também queima.

E torna brandas mulheris entranhas;

Nem víbora raivosa, que pisada

Do vago caminhante se exaspera,

Nem besta furiosa, em cujas faces

O nu selvagem crava a seta aguda,

Mais iradas se acendem, do que a turba,

Quando ciosa se exaspera, e arde.

O ciúme foi ferro, a cujo golpe  
Banhou o seu sangue, oh forte Pirro, as aras,  
Foi ele a chama, que abrasou Sémele;  
Em feroz urso transformou Calixto;  
(Eu mesmo, eu mesmo...Mas a dor me impede,  
Tu, soberbo rapaz da Idália, o diz!  
Ah! Formosa Corina! Não te engano,  
Só me abraço por ti, só por ti morro!..)  
Porém sulquemos novos mares, fuja  
O nosso veloz batel longe da praia.

## IX

Mancebo, deixa o teu rival; só cuida  
Em combater da bela Tirse o peito.  
Do teatro se corre o largo pano,  
Aberta a cena principia o drama.  
Temerário, não deves ver tranquilo



Da peça teatral o sábio jogo;  
É Cupido rapaz, não tem sossego,  
Não perde a ocasião o que amor busca;  
Para os olhos de Tírse te encaminha,  
Neles a cena figurada nota;  
Se por acaso lágrimas derrama  
Tu de choro também as faces banha;  
Finge ao menos secar com alvo lenço  
O terno pranto, que verter não podes;  
Se irritada parece, toma fogo,  
Se com assombro pasma, tu te assombra.

X

Mas que novo segredo Amor me inspira!  
Que sábias regras, que preceitos novos!  
Filho de Vénus, e de Marte filho,  
De teus altos mistérios serei vate!

Forma novos oráculos em Cipro;

Por eles tenha esquecimento Delfos.

Namorado mancebo, Amor te fala,

Ouve com filial respeito as vozes.

Posto que tu na cena Dóris ouças,

Altos prodígios, maravilhas novas,

A voz soltando bela, e sonora

Com que suspenda sibilantes ventos,

Não pases, nunca chores, ser não queiras

Réu desditoso de tão negro crime;

Cheia Tirse de inveja, não perdoa,

Mais depressa seria o mar estável.

A nação feminil sustenta sempre

Entre si crua sanguinosa guerra;

Ainda no berço brandamente dorme,

Ainda com o leite maternal se nutre,

Já da cova sombria o negro monstro

Que come verdes enroscadas serpes.  
Salta com venenosa língua, e lambe  
O seu terno peito, o seu formoso rosto;  
Na boca lhe vomita cru veneno,  
Que para o brando coração lhe corre,  
E nas veias sutis introduzido,  
Com o rubro sangue lhe circula, e pulsa;  
Não só famílias com famílias rompem  
A paz benigna, que na terra expira;  
Entre as mesmas irmãs se acende a guerra,  
Por isso é hoje negro seixo Aglaura.  
Até nos céus o vago monstro gira,  
Minerva, e Juno fez rivais de Vénus;  
Não caíram Troianos altos muros,  
Só porque Páris foi roubar Helena!  
Mil adúlteros tinham sem castigo  
Furtado esposas, maculado leitos;

No pomo da Discórdia veio envolta

A fásca fatal, que abrasou Troia.

## XI

Contudo, posto que raivosas todas

Entre si mutuamente se enfureçam,

Mancebo, não presumas que sem pena

Vejam de amor qualquer irmã queixosa.

Não houve ninfa nos Tessálios campos

Que não movessem tristes queixas de Eco;

Só Liríope vê com dor Narciso,

Em branca flor Narciso as ninfas gostam;

Quando o monstro voraz, que sai dos mares

Só contra o filho de Teseu famoso,

Quando os frisões medrosos se perturbam,

Ligeiros se embaraçam, quebram rédeas,

Hipólito gentil por terra lançam,

Raiivosos, o seu formoso corpo pisam;  
A crua turba mulheril de Atenas  
Festivos gritos para o céu levanta,  
As tranças orna de jasmins e rosas,  
Vai dar a Vénus no seu templo as graças.

## XII

Oh vós, monstros cruéis, geração dura!  
Malignas Fúrias com formoso aspeto!  
Sacerdote de Amor, agora o digo,  
Hoje se saiba como sois geradas.  
Supremo Jove, que tirou do caos  
A bruta massa, de que o mundo é feito,  
Quando os homens formou, disse-lhes logo;  
“De nova espécie produzi sementes;  
“Exista um novo sexo, em cujo seio  
“O nativo calor as desenvolva;

“Formoso, que a prazeres vos excite,

“Maligno, que a um cego amor vos leve;

“Os membros todos, do seu corpo forme

“Formosa Vénus em Citera, ou Cipro,

“Às Fúrias fique reservado o peito.”

Mancebos!... Eis aqui por quem Cupido

Em subtis redes vos enleia todos;

Mas não vos tinja rubro pejo as faces;

Até por elas foi novilho Jove.

Se é tecido o seu peito nos infernos

É formado no céu sua cintura;

Hipólito, Narciso lições sejam.

Com eles aprendei a não ser duros.

Posto que incestuosa chama queime,

Devore o falso coração de Fedra,

Mostrai por ela que sentis ternura;

Acompanhe o seu pranto o pranto vosso.

Tão felizes agouros vendo Tirse,  
De vosso peito cego amor espera.

### XIII

Longo tempo Tritão ardeu nos mares  
Por Tisbe de Nereu cerúlea filha;  
Dos seus amores rindo a esquiva ninfa  
Melhor ouvia o murmurar das ondas;  
Bem como de voraz golfinho foge  
Turba medrosa de miúdos peixes,  
Do mancebo Tritão cruel fugia  
Assim nos reinos de Netuno Tisbe.  
Eis que um dia Proteu, pastor que guarda  
Das águas o marítimo rebanho,  
Cuja molhada fronte cingem moles  
E verdenegros juncos, que o mar cria;  
Em trémulo penhasco, e ondeando enfeitam

A leve coma paludosos ramos,

Atrás do gado nadador cantava;

“Ah! Mísero Tritão, se queres Tisbe,

“Em leve pó mudada Troia vinga.”

Os eternos oráculos não mentem,

Deixou de ser esquiva a loura Tisbe.

Quando Girce nas praias se queixava

Do fugitivo, do perjuro Ulisses;

Tritão da sua dor enternecido

Vingança lhe promete, chama os ventos,

Do sagrado Oceano agita as ondas,

No fundo seio as gregas naus soçobra,

Mais preciso não foi, Tisbe se rende,

Do louco amante para os braços corre.

Mil beijos lhe recebe, e mil lhe imprime...

Deveis, mancebos, presumir o resto;

Em breve tempo todo o mar povoam



Filhinhos de Tritão, de Nereu netos.

XIV

Eis em resumo as regras necessárias,

Afim de conseguir femíneo afeto;

Delas aprendereis, destros mancebos,

A serdes cautos, prevenindo os laços

Armados por Amor à inexperiência;

Pendurando assim troféus inúmeros

Ao carro triunfal da vossa glória.